

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

LUCÉSIA PEREIRA

**FLORIANÓPOLIS, DÉCADA DE TRINTA:
ruas, rimas e desencantos na poesia de Trajano Margarida**

Florianópolis, 2001

LUCÉSIA PEREIRA

**FLORIANÓPOLIS, DÉCADA DE TRINTA:
ruas, rimas e desencantos na poesia de Trajano Margarida**

Dissertação apresentada à Comissão Julgadora, do Curso de Pós-Graduação em História, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História Cultural.

Professor Orientador: Dr. Luiz Felipe Falcão.

Florianópolis, 2001

**FLORIANÓPOLIS, DÉCADA DE 30:
RUAS, RIMAS E DESENCANTOS NA POESIA DISSONANTE DE
TRAJANO MARGARIDA**

LUCÉSIA PEREIRA

Esta Dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final para obtenção do título de
MESTRE EM HISTÓRIA CULTURAL

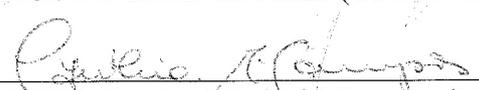
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Luiz Felipe Falcão - Orientador (UDESC)



Prof. Dr. Osmar de Souza (UNIVALI)



Prof.ª Dr.ª Cynthia Machado Campos (UFSC)

Prof.ª Dr.ª M.ª Bernardete Ramos Flores - Suplente (UFSC)



Prof. Dr. Artur Cesar Isaia
Coordenador do PPGH/UFSC

Florianópolis, 28 de fevereiro de 2001.

À memória do poeta Trajano Margarida

AGRADECIMENTOS

À Néia, por tudo que compartilhamos, saudades sempre (*in memoriam*);
ao Maurizio, por dividir comigo sua inteligência e sensibilidade;
à Helena, pela luz e alegria que trouxe a este percurso.

*Não há nos versos meus o sufocado da dor.
Da dor que lentamente nos crucia.
Não há nem o lamento apaixonado,
Nem mesmo a queixa ideal da poesia.*

*Não há esse desejo insaciado
De não possuir o que possuir queria.
Jamais um verso meu vibrou magoado
Por dores que em si mesmo não sentia.*

*Amigo, em cada rima do meu verso.
Em todo o seu conjunto e na expressão
Que do real lhe dá sentido inverso.*

*Somente, hás de notar e com verdade,
Que existe em cada rima uma ilusão,
Santificando em pranto uma saudade.*

*Trajano Margarida, **Soneto.***

RESUMO

PEREIRA, Lucésia. **Florianópolis, década de trinta**: ruas, rimas e desencantos na poesia de Trajano Margarida. 91 f. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

Este projeto teve como foco analisar a vida e obra do poeta Trajano Margarida (1890-1946). A importância deste estudo recai sobre o fato de que ambos, a vida e o percurso artístico fornecem indícios importantes para compreender os cruzamentos entre história e literatura. A maior parcela de seu trabalho, se situou entre os anos de 1920 a 1940 do século XX, quando Trajano Margarida cantou e versejou sobre a cidade de Florianópolis. Poeta, seresteiro, escreveu livretos que podem ser tomados como expressão do cordel local, compôs sambas que foram cantados nos carnavais da cidade, criou hinos para celebrar a construção da Ponte Hercílio Luz e a fundação do Figueirense Futebol Clube. Pobre, mulato, neto de uma escrava, rejeitado pela academia catarinense de Letras, com seu tom de sátira, de tristeza, de denúncia e de revolta, fez crônicas urbanas, registrou o ambiente conflitante que envolvia o fazer artístico, falou de sua experiência de vida. Suas personagens mais constantes eram mendigos, benzedeiros, órfãos, velhos, prostitutas.

Palavras-chave: Trajano Margarida. Florianópolis. Poesia. História.

ABSTRACT

PEREIRA, Lucésia. **Florianópolis, Thirties Decade**: streets, rhymes and disenchantment in the poetry of Trajano Margarida. 91 f. Dissertation (Mestrado em História) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

This project had as focus of analysing the life and the work of the poet Trajano Margarida (1898- 1946). The importance of such study is due from the fact that both life and artistic path of the poet give a great deal of evidence to understand the crossings between history and literature. The most part of his work was produce between 1920's and 1940's, when Trajano Margarida sang and wrote verses about the city of Florianópolis. Poet and balladeer, Margarida wrote booklets that can be seen as a expression of a local cordel, composed sambas which was sung in the city's carnival, made hymns to celebrate the construction of the Hercílio Luz Bridge and the foundation of the Figueirense Futebol Clube. Poor, mulato, grandson of an ex-slave, rejected by his peers in the Academia Catarinense de Letras, Margarida wrote down urban chronicles, registered the conflicted atmosphere that surrounded the artistic act and narrated his experiences of life with a inflection of satire, sadness, denounce and rebellion. His characterers were more frequently beggars, sorcerers, orphans, old people and whores.

Key-words: Trajano Margarida. Florianópolis. Poetry. History.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Largo Treze de Maio, 1950.....	20
Figura 2: HASSIS. Vendedor de torrãozinho e jornais, 1957. Imagem fornecida pela Fundação Hassis.....	26
Figura 3: Praça XV de novembro, busto em homenagem a Victor Meirelles.....	43
Figura 4: O cais do Bar Miramar antes de 1928.....	45
Figura 5: Mercado Público por volta de 1940.....	47
Figura 6: Ponte Hercílio Luz antes de 1935.....	50
Figura 7: Mercado Público antes de 1935. No canto inferior direito, a figura do Pombeiro.....	51
Figura 8: Teatro Álvaro de Carvalho por volta de 1950.....	53
Figura 9: A travessia Ilha - continente antes da construção da Ponte Hercílio Luz.....	54
Figura 10: Catedral Metropolitana.....	55
Figura 11: Ônibus em frente ao hotel La Porta, anos 50.....	60
Figura 12: Mercado Público.....	61

SUMÁRIO

CRONOLOGIA DE TRAJANO MARGARIDA.....	10
1 INTRODUÇÃO: A poética do desencanto.....	11
2 A ALMA DESENCANTADA DAS RUAS.....	17
2.1 Ruas, casebres e esquecimento.....	17
2.2 Tenorinhos de sarjeta.....	21
2.3 Cidade de vultos.....	27
2.4 Roteiros perversos.....	33
2.5 O caso.....	38
3 O TROVADOR URBANO.....	41
3.1 A fisionomia de Três Por Dia.....	41
3.2 O desfecho tragicômico dos Dias.....	49
3.3 O “carro blindado”.....	62
4 O POETA DO OLIVEIRA BELLO.....	67
4.1 À margem das letras.....	67
4.2 O poeta do povo.....	73
4.3 Carnaval e boemia.....	79
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: Um poeta para sempre.....	84
FONTES.....	85
BIBLIOGRAFIA.....	87
ANEXO A – Ata da defesa de dissertação de mestrado.....	91

CRONOLOGIA DE TRAJANO MARGARIDA

1890. Nasce a 16 de Janeiro, filho de Alexandre e Francelina Ferreira. Em 14 de abril, nasce em Florianópolis Mamede, futura esposa do poeta.
1912. Nomeado professor provisório da Segunda escola do sexo masculino de Itajaí.
1913. Transferido para vila Brusque para ocupar o mesmo cargo.
1914. Exonerado a seu pedido da escola de Brusque.
1917. Nomeado servente da extinta Secretaria Geral do Estado.
1918. Ingressa como amanuense na Secretaria do Interior e da Justiça.
1919. Suspenso do cargo por 15 dias. Suspenso novamente por 3 dias.
1924. Promovido a segundo oficial.
1929. Promovido a primeiro oficial.
1935. Suspenso do cargo por 8 dias.
1941. Suspenso do cargo por 3 dias. Após 23 anos, aposenta-se do serviço público.
1943. Morre Nelson Margarida, seu único filho.
1946. Morre a 14 de Fevereiro, de insuficiência respiratória. Está sepultado no cemitério municipal do Itacorubi.

1 INTRODUÇÃO: A poética do desencanto

*“Eu faço versos como quem chora
De desalento... de desencanto...
Fecha o meu livro, se por agora
Não tens motivo nenhum de pranto.*

*Meu verso é sangue. Volúpia ardente...
Tristeza esparsa... remorso vão...
Dói-me nas veias. Amargo e quente.
Cai, gota a gota, do coração.*

*E nestes versos de angústia rouca
Assim dos lábios a vida corre.
Deixando um acre sabor na boca.
Eu faço versos como quem morre”.*

(Desencanto, Manuel Bandeira)

Em *Guerra e Paz*¹ León Tolstoy exprime suas idéias a respeito da história. Seu ponto de vista, eloqüentemente expresso nas quase mil páginas deste romance épico, é ilustrado em um dos seus parágrafos. Nele o autor argumenta que o destino de uma batalha é decidido não nos complicados planos e estratégias determinados *a priori*, mas pelo imprevisível, pelas inúmeras ações anônimas, pelo fator caótico, pelo estado de espírito de um único soldado que grita: *Fomos cortados!*, e alastra o pânico - e a derrota - pelas fileiras do exército.

Como isto se relaciona com este estudo que envolve a cidade de Florianópolis dos anos

30? Talvez a personagem escolhida - um poeta e trovador urbano - seja justamente aquela a gritar estamos perdidos no conflituoso cotidiano que se desenrolava naquela década.

Através de sua pena, ele registrou visões e expectativas que estavam por detrás de batalhas de antemão fadadas ao insucesso. Contudo, através destes registros ele deu subsídios no presente para que se conheçam algumas das fisionomias dos que tiveram como ele próprio, esperanças frustradas e esquecidas. O drama humano que se desenrolou no transcorrer da vida do poeta Trajano Margarida - mulato pobre e neto de uma ex-escrava - foi em larga medida o mesmo que recaíam sobre seus semelhantes, vítimas das mesmas pressões sociais em seu tempo.

Talvez a dedicação em versejar acerca de temas e pessoas que tiveram suas existências

¹TOLSTOY, León. *Guerra e paz*. Porto Alegre: Editora Globo, 1957.

relacionadas a projetos inviabilizados seja um dos fatores responsáveis pelas poucas menções a ele feitas quando o assunto é literatura local, uma vez que teve destacada popularidade em seus dias e legou um considerável volume de obras às letras da terra, onde constam poemas, músicas carnavalescas e hinos comemorativos².

Trajano Margarida também esteve envolvido em momentos significativos da história da cidade naqueles anos, como o carnaval, a fundação do Centro Catarinense de Letras e do Figueirense Futebol Clube. E, apesar de tudo isto, é figura ausente nas costumeiras referências a catarinenses que, pelas mais diversas razões, transpuseram a fronteira do anonimato e estão destacados na memória urbana da cidade, na estatuariedade que se espalha pelos seus principais logradouros, ou nomeiam ruas, praças e avenidas³.

Em torno da sua vida há vários detalhes que chamam a atenção, especialmente a atuação que teve no meio literário de uma cidade pobre, produzindo uma poesia que lhe fez ser identificado por alguns comentaristas como *poeta do povo*. Os assuntos eleitos pela sua sensibilidade de artista destacam a personalidade melancólica, invariavelmente mirando a cidade por um prisma desiludido, o que nos anos 30 fazia frente à fantasia progressista das elites.

Por serem aqui vistos como fatores indissociáveis, o enfoque da presente abordagem recai sobre a Trajano e sua obra, que pela expressividade de ambos, trazem possibilidades

²Um dos objetivos desta pesquisa foi reunir e organizar a obra do poeta Trajano Margarida. Este material encontrava-se disperso nos acervos do Arquivo Público do Estado, da Academia Catarinense de Letras, da Biblioteca Pública do Estado e da Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina. A relação abaixo apresentada restringe-se ao material manuseado e copiado, e é composta das seguintes obras: O natal do Orfãozinho, ou o presente de Jesus. Florianópolis: Livraria Moderna, 1914. Pátria - poemeto patriótico. Florianópolis: Oficinas Gráficas d' A Phenix s/d. Minha Terra. Florianópolis: Typografia Schuldt, 1926. Pax. Florianópolis: Imprensa Oficial, 1936. Brack. Florianópolis: Imprensa Oficial, 1936. Nelson. Florianópolis: Estabelecimento Gráfico Brasil Ltda, 1943. Trajano Margarida tem poemas avulsos publicados nos diversos jornais e revistas da cidade, encontrados a partir de 1916 e ultrapassando a data de sua morte em 1946. O montante de sonetos recolhidos em jornais e revistas é de 53 versos. Localizam-se ainda nos jornais, um conjunto de versos compostos de três quartetos e intitulados “Três Por Dia”, publicados nos anos de 1935 e 1936 no Jornal A GAZETA e em 1939 no Jornal Dia e Noite. A coleção destes perfaz o total de 89 versos. Trajano Margarida deixou um opúsculo que fora vendido para o carnaval de 1930, cujo único exemplar encontrado pertencia a família Boiteux e foi doado para a Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina. Neste constam as letras de oito músicas carnavalescas. Além destas foram publicados nos jornais, em épocas próximas ao Carnaval, letras completas e fragmentos de outras composições a serem cantadas nos Carnavais de 1930, 1932 e 1935. O poeta compôs também um hino para o Figueirense Futebol Clube. O que se localizou além disso foram indícios de que Trajano Margarida tenha sido o autor do hino cantado na inauguração da Ponte Hercílio Luz e do hino da Escola Normal. Foram achadas pistas não confirmadas da publicação de outros livretos cujos títulos seriam: Nulidades, Culpa dos paes, A fome e a sede no Ceará e Horas tristes. Cabe salientar que estes não foram localizados sequer na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

³Quem por ventura vier pela Avenida que à beira-mar leva à Universidade Federal, cruzará seu caminho, mais precisamente nas imediações da Penitenciária do Estado, com uma placa que indica rua Trajano Margarida. Segundo as pesquisas efetuadas, esta placa resume-se no único registro evidente do poeta que a ela empresta o nome, inserindo definitivamente, porém timidamente, Trajano Margarida na paisagem da cidade que foi palco de sua vida e de sua obra.

singulares de ver a cidade nas suas múltiplas performances, e não apenas naquela que ganha destaque nas falas entusiasmadas da época, muitas delas provenientes do meio jornalístico que via de maneira positiva as transformações urbanísticas e sociais que tentavam colocar a cidade a par e passo com outras capitais do país. A cidade que Trajano mostra, era até bem pouco tempo invisível uma vez que as propostas teóricas enfocavam demasiadamente as grandes estruturas explicativas que procuram abarcar todo o meio social.

Somente deixando de lado estas pretensões é que se pode enxergar no cenário dos anos 30 o lugar onde o poeta Trajano Margarida se situava como sujeito social. Sobre isto, Norbert Elias assinalava, ao se referir ao modo pelo qual trouxe a baila a trajetória de vida do compositor Mozart, que um indivíduo “... só emerge claramente como ser humano quando seus desejos são considerados no contexto de seu tempo”⁴.

Apesar da convicção que as perspectivas sociais de Trajano Margarida não podem ser de todo apreendidas⁵, nem por isso perseguir os seus vislumbres deixou de ser o principal desejo nas histórias aqui contadas. Tarefa que se viabilizava na vaga dos novos interesses e preocupações da atual historiografia, que se tem valido do diálogo com outros campos de conhecimento desafiando a hegemonia do documento oficial, permitindo então diversificar as possibilidades das fontes.

Essa ênfase sobre a dimensão literária da experiência social e a estrutura literária da escrita histórica propicia uma nova abertura aos que desejam expandir a erudição histórica para além de suas limitações tradicionais, e constitui uma nova ameaça a todos os que procuram defender a permanência da disciplina dentro de seus limites tradicionais, da forma como os entendem. (KRAMER, 1995, p. 132).

Então passamos a conhecer personagens e situações que por longo tempo foram mantidos fora de foco, por justamente estarem ocultos entre as limitações que estes registros oferecem.

A procura por desvelar um pouco do viver cotidiano destes atores sociais leva a encontrá-los nos escritos de Trajano Margarida, que funcionam como uma espécie de radar à aspectos que tiveram reduzidas chances de serem de outra maneira registrados naquele contexto. Isto seja simplesmente pelo desinteresse, ou pela marginalização, dado a postura distanciada com que boa parte dos analistas da época - fossem estes intelectuais, jornalistas, médicos ou administradores - observaram as vivências da população pobre que no entanto era o seu maior grupo de moradores.

⁴ELIAS, Norbert. *Mozart* (sociologia de um gênio) Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

⁵Sobre isto, ver CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano* (artes de fazer). Petrópolis: Vozes, 1994.

O diálogo com a obra do autor se edificou sobre diferentes bases teóricas⁶, mas sobretudo se inspirou nas reflexões a respeito dos contatos da história com a literatura, feitas por Nicolau Sevcenko⁷, que, ao estudar os textos literários de Lima Barreto e Euclides da Cunha, teve também como intenção focalizar a atenção tanto nos autores como em suas respectivas obras. Dentro da mesma referência conceitual, observamos a obra de Trajano Margarida encarando a criatividade que nela subsiste como um ato de inconformismo, uma vez que a mesma reflete as tensões e os diferentes projetos para a transformação social dos anos 30 em Florianópolis. A partir do ponto de vista de que o texto literário guarda sentidos e significados datados, os escritos do poeta foram lidos na tentativa de perceber os nexos que mantinham com a realidade, resguardando a sua parcela de invenção ou criação ficcional.

Por sua vez, a ficção literária de Trajano Margarida revela indícios de uma cidade ainda envolvida em muitas sombras. Singularmente, nela as camadas pauperizadas aparecem representadas não como objetos de análise e julgamentos, como era habitual nas crônicas daquele momento. Ao contrário, seus personagens são, doentes, sujeitos entristecidos que envelheceram na miséria, mulheres pobres e desiludidas, crianças que tinham nas vias públicas o palco da faina diária. Enfim, gente que revela a cidade desajustada, incômoda e inconveniente diante dos anseios e projetos pensados pelas elites.

No cotidiano inspiravam-se as resistências das quais a literatura de Trajano Margarida é um fragmento, e talvez esta seja também uma das razões para a desqualificação e a falta de visibilidade a que ela foi submetida, já que ele atribuía aos seus escritos valores contrários àqueles que outros discursos enalteciam. Pois se num extremo havia uma ânsia sôfrega com o advento de tudo que era novo, o poeta não se privava de demonstrar, nas crônicas de cunho descaradamente satírico, no tom ousado das letras carnavalescas, ou em poesias de tristeza indefinida, seu olhar cético sobre a condução dos projetos sociais e políticos na cidade.

O capítulo I, intitulado *A alma desencantada das ruas*, destina-se a remontar a

⁶Seria extenso relacionar aqui todos os autores que indiretamente nortearam a análise da obra de Trajano Margarida. Entretanto, autores como Hayden White tiveram especial relevo na forma como os textos foram elaborados, mesmo porque em sua reflexões ele dilui o imaginário conflito entre o discurso histórico e a narrativa, mostrando que o passado somente pode ser apreendido através da linguagem e, portanto, todas as histórias são ficções. WHITE, Hayden. Teoria Literária e escrita da História. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, 1994. Duas outras coletâneas de autores brasileiros foram de destacado interesse para a pesquisa, uma delas, organizada por Sandra Pesavento, tem ensaios que na sua maioria abordam o mesmo recorte temporal da pesquisa. PESAVENTO, Sandra J. Leituras Cruzadas - Diálogos da história com a literatura. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 2000. p. 7. A outra coletânea, pela diversidade de abordagens que apresenta, indicou valiosos caminhos para analisar a relação entre a literatura de Trajano Margarida e a cidade, ver: CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. (orgs.) A história contada. Capítulos da História Social da Literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

⁷SEVCENKO, Nicolau. Literatura como missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense.

trajetória de vida do poeta. Pretende-se fazer esta abordagem utilizando inclusive os poemas que compõem a obra *Reminiscências*, já que nestes versos ele moldou uma representação de sua infância. Abordamos a situação de pobreza material e insegurança diante do futuro, o que fazia com que a cidade tivesse um contingente de crianças trabalhadoras que perambulava por suas ruas. Cabe ressaltar que nesta parte, em especial, a abordagem ficou percorrida por templos múltiplos que se dilatam e se contraem ao sabor das vicissitudes que marcaram a vida do protagonista, entre o seu nascimento em 1890, e sua morte em 1946.

O capítulo II, *O Trovador Urbano* utiliza-se amplamente da coletânea *Três Por Dia*, lembrando que estes poemets, em geral, são carregados de um tom satírico e abarcam desde conversas triviais sobre personagens típicas pelos bares e cafés, até assuntos mais amplos ligados também ao cenário internacional, a exemplo do contexto político nacional e da Segunda Guerra Mundial. A cidade que se pretende evocar é também marcada por incongruências, aquela que se debate na intersecção entre duas épocas, ora evidenciando a sua modernidade provinciana, ora procurando no passado elementos que legitimem e confirmem aquilo que nela permanece. Elegendo o Bar Miramar como foco de análise -hoje emblemático nos discursos saudosistas sobre aquela época - o capítulo pretende ainda apresentar uma reflexão acerca da criação e manutenção de referenciais simbólicos para a cidade.

Já no capítulo III, intitulado *O Poeta do Oliveira Belo*, fez-se uma reconstituição do panorama que cercava a produção literária da cidade de Florianópolis nos anos 20, e que teve como acontecimentos a fundação da Academia Catarinense de Letras e do seu fugaz contraponto, o Centro Catarinense de Letras. Esta passagem era obrigatória para que se compreenda o lugar que o poeta vai ocupar no cenário intelectual dos anos 30. Nele será também discutido a busca de certos segmentos sociais por uma arte que se situasse distante das práticas culturais do mundo popular. Com o objetivo de dar contornos mais decisivos ao desencanto que Trajano Margarida nutria sobre os acontecimentos em curso na cidade, discute-se a trajetória decadente do carnaval na década de 30, segundo espelharam os jornais e também de acordo com o conteúdo das letras carnavalescas escritas pelo poeta. Neste momento é importante discutir a desqualificação de sua poesia – marcante na opinião de alguns comentaristas - tida como popular e, por isso, contrária aos padrões exigidos para uma grande obra.

Apesar da independência na apresentação dos capítulos procurou-se manter como pano de fundo da discussão a relação entre o poeta e a cidade que foi cenário de sua vida e que inspirou sua obra. O tom fragmentado do texto reflete o percurso, por vezes truncado, da história que se pretende contar. Isto, por sua vez, é fruto da poética de Trajano, que atuou

como uma espécie de fotógrafo, capturando com as lentes de sua poesia momentos e personagens pouco usuais, onde o principal figurante desta imagem, acaba por ser a cidade.

2 A ALMA DESENCANTADA DAS RUAS

2.1 Ruas, casebres e esquecimento

*“O natal do orfãozinho, ou o presente de Jesus.
Por Trajano Margarida, que tem a honra de oferecer a V. Ex.
em troca de um óbulo para os órfãos”*

(Florianópolis, 1914)⁸

Trajano Margarida nasceu em Florianópolis a 16 de janeiro de 1890⁹. Recortes da sua infância ficaram registrados em seus versos, especialmente em uma coletânea de poemas intitulada *Reminiscências*, que tiveram vários trechos publicados nos jornais nos anos de 1934, 1935, 1936 e 1938. Nestes, Trajano Margarida enfoca a cidade de sua meninice, imprimindo à fisionomia destas linhas os mesmos contornos amargos que estão presentes em boa parte de seus escritos. Tem-se a impressão que ao organizar esta obra saudosista, o poeta procurava demarcar uma espécie de marco inicial de sua melancólica experiência de vida e aspectos do relacionamento que teve com a cidade, o qual ele representou nesta obra, repleto de percalços. Isto desde os primeiros movimentos como menino pobre que vagava pela cidade vendendo o *torradinho*¹⁰, ou como neto de uma ex-escrava que dividia com a avó e a mãe, um cotidiano de pobreza.

Na busca por recompor o trajeto da vida de Trajano Margarida desde estes tempos de menino, deparou-se com uma notada carência de informações documentais, por exemplo, sobre os locais onde morou, as escolas que frequentou e detalhes de seu parentesco. Estas lacunas, e o que em decorrência delas se mantém ininteligível no passado, não comprometem uma das pretensões básicas deste trabalho, que é analisar, a partir de um ponto de vista orientado pela história, seus escritos literários. As referidas lacunas, contudo, denunciam o quanto fatores como a condição social implicaram em que o maior contingente populacional da cidade, as camadas pobres, tivesse pouco destaque na memória de Florianópolis como uma multidão homogênea, sem rosto, despersonificada. Estas lacunas dão continuidade a uma

⁸MARGARIDA, Trajano. *O natal do orfãozinho*. Florianópolis: Livraria Moderna, 1914. (capa).

⁹As informações sobre a data de nascimento de Trajano Margarida são desconhecidas. São citados os anos de 1889, 1890 e 1891. Neste trabalho optou-se pela data inferida a partir dos dados presentes em sua certidão de óbito.

¹⁰Amendoim torrado e salgado, vendido de maneira ambulante pela cidade.

tradição que tendeu sempre a generalizar as vivências destes grupos, enquanto individualizava outras figuras atuantes na política, comércio, instituições oficiais...

Todavia, no desenrolar de sua vida, Trajano Margarida por diversas razões driblou esta obscuridade e adentrou ao restrito grupo de florianopolitanos que publicou textos em jornais e revistas. Já para outros indivíduos de origem humilde como ele, muitas vezes não constando sequer do assento de batismo da igreja e atuando no mercado de trabalho informal, a chance de serem capturados pelo papel impresso era bem mais remota.

Tal anonimato fez com que as existências de Alexandre e Francelina Ferreira, seus pais, assim como as de tantas outras pessoas, praticamente se diluíssem com o correr dos anos¹¹. Ainda assim, um comentário escrito em 1950 fazia referência a sua família, dizendo que o poeta “embora pobre, procedia de boa gente, de família muito conhecida”¹².

Apesar deste costumeiro anonimato, na obra de Trajano Margarida, algumas dessas personagens urbanas ganham individualidade. E, na apresentação que ele faz dos seus perfis, vai se descortinando suas vidas e o cenário à sua volta. São flagrantes de um viver esquecido, nos seus lugares e nas suas lidas diárias, como na referência que faz ao Morro do Mocotó em uma de suas letras carnavalescas, escrita para o carnaval de 1931. A mensagem vem acrescida de sentidos positivos, sugerindo força e resistência:

*"Pelo morro do Hospital
Mocotó subindo vai
Mocotó é duro e forte
Mocotó sobe e não cai”¹³.*

Zona urbana onde residiam vários extratos pobres da população, o Morro do Mocotó, assim como o Morro da Caixa, já apresentava ocupação desde 1876, que se acentuou quando nas primeiras décadas do século XX a Avenida Hercílio Luz foi urbanizada e parte do contingente de moradores daquele local para lá se dirigiu. Entretanto, mesmo que o morro ocupado já fosse um panorama herdado do século XIX, ao final dos anos 30, segundo um jornalista da cidade, pouco se parecia conhecer a respeito do cotidiano daquele logradouro, pois “ainda não se fez um inquérito, que seria dos mais interessantes - de como vivem os moradores dos morros da cidade”¹⁴.

Ao observar trechos das anotações feitas por este jornalista, percebe-se que elas

¹¹Os nomes de Alexandre e Francelina Ferreira constam da certidão de óbito de Trajano Margarida. Não se sabe, contudo, o que veio a ocorrer com relação ao seu pai, que de acordo com o poema *Torradinho*, era ausente quando da infância do poeta, a frase diz o seguinte “... Tristeza não ter pai / Deserto era o caminho...”. *Jornal A GAZETA*, 08/10/1935.

¹²Nelson de A. Coelho. *Trajano Margarida - Poeta e Seresteiro*. Revista Anuário Catarinense, 1950. pp 124, 125.

¹³Morro do Mocotó. *Jornal A PÁTRIA*, 22/01/1932.

¹⁴A vida nos morros. *Jornal DIA E NOITE*, 18/04/1939.

refletem o tom distanciado e superficial que esse segmento social, que tinha o universo das letras como um dos seus modos de afirmação, descreveu à posteridade o viver dos moradores do morro. Haja vista que movido pela curiosidade em desvendar os segredos do lugar, na sua fala, parece ser de fato um outro mundo, territorialmente separado da cidade, enfim “um filão de surpresas para qualquer espírito inquiridor”¹⁵, o observador urbano sobe as ladeiras de Florianópolis, encontrando desalinhadas “... casas, casinhas, casebres. Alguns destes realizando façanhas de equilíbrio”¹⁶. O olhar perscrutador aos poucos vai descortinando o modo contingente de ocupar o espaço urbano, que desobedecia qualquer espécie de planejamento.

A ocasião é também aproveitada para comparar a diferença entre o morro e a cidade baixa. E os critérios do comentário, diferentemente do tom íntimo do verso de Trajano Margarida, misturam uma série de elementos corriqueiros ao período, onde registros e observações são estruturados de maneira a criar limites que garantem ao seu autor manter um distanciamento seguro. Para o aventureiro a geografia parecia ter uma importância relevante na formação do caráter, uma vez que “... a gente do morro olha a cidade de cima, vive na sua disposição topográfica, naturalmente adquirindo diferentes aspectos psicológicos”¹⁷.

Enfim, ele expressa alívio ao atingir paisagens mais seguras, onde a topografia a sua volta parece lhe fornecer conforto e segurança. Mantendo-se ainda atraído em revelar os equívocos de uma cidade repleta de ambigüidades, arremata este cronista, assumindo ares de um *João do Rio Ilhéu*¹⁸: “e a gente desce, com a sensação de que se vai libertando do ambiente curioso, para o conforto maior da planície menos castigada da falta de higiene, mais regular na geometria de suas construções”¹⁹.

Identificado com pessoas e espaços um tanto distantes desta experiência plana, Trajano Margarida preparara para o carnaval de 1930 uma composição intitulada *Morto Mesmo*, na qual enaltecia práticas de divertimento e sociabilidade associados aos moradores daquelas alturas as quais o jornalista desqualificara de modo tão pernóstico:

*“Quando eu já estiver morrendo,
Na minha última agonia,
Quero ouvir do carnaval*

¹⁵Idem.

¹⁶Idem.

¹⁷Idem.

¹⁸Para João do Rio, o Rio de Janeiro era uma cidade dúbia, de um lado era bela, cintilante, educada e europeizada, e de outro, fora dos caminhos burgueses, era suja, abandonada, bárbara e desencantada. Esta idéia de João do Rio como observador das incongruências da cidade moderna está ilustrada em SEVCENKO, Nicolau. *A Capital irradiante: técnicas, ritmos e ritos do Rio*. In: História da vida privada no Brasil, v. 3, São Paulo: Cia das Letras, 1998. pp 514 a 619.

¹⁹A vida nos morros. *Jornal DIA E NOITE*, 18/04/1939.

Seus batuques de arrelia.

*Pois lá do céu
Que não há mal,
Também terá
Seu carnaval.*

*Como último conforto,
Em lugar da confissão
Quero ouvir toda negrada
Requebrando num cordão.*

*Quando eu for p'ro cemitério,
Deitadinho num caixão,
Quero ser acompanhado
Por um bloco ou um cordão”²⁰.*

Outros lugarejos também próximos ao centro urbano, como o bairro *Toca* e o *Largo Treze de Maio*²¹, eram igualmente estigmatizados como “a cidade que Deus esqueceu”²², freqüentados por tipos de moral e conduta duvidosa.



Figura 1: Largo Treze de Maio, 1950

Porém, a despeito dos preconceitos e julgamentos, a grande maioria desses atores sociais chegaram aos anos 30 abandonados ao descaso das autoridades, no que diz respeito a oferta de educação, trabalho e serviços básicos. Com esses, Trajano Margarida indica, através do conjunto de sua obra, ter compartilhado modos de trabalho e sociabilidade como o interesse pela música e pelo carnaval.

²⁰MARGARIDA, Trajano. *Canções carnavalescas*. Florianópolis: Typografia Schuldt, 1930.

²¹O bairro Toca situava-se na localidade hoje conhecida como José Mendes e o Largo 13 de Maio ficava nas imediações onde hoje estão a Praça da Bandeira e o Instituto Estadual de Educação.

²²A cidade. Jornal A GAZETA, 03/04/1935.

2.2 Tenorinhos de sarjeta

*“... Pela ruas meu filho a mendigar;
da burguesia imunda ouvindo ralhos,
sem nunca um coração amigo achar”²³.*

(Amanhã. Trajano Margarida)

Para boa parte dos sujeitos que moravam nos morros, no bairro Toca ou no Largo Treze de Maio, as ruas centrais eram o lugar de obter o sustento. Atuando diariamente como vendedores ambulantes, carregadores no porto e mercado, pombeiros, lavadeiras, pintores e empregadas domésticas, abraçavam por necessidade estas profissões que de longa data eram reservadas aos *desclassificados* sociais²⁴. Independente de escolhas individuais, eram estes indivíduos que de fato lavavam, passavam, carregavam e limpavam, enfim, faziam funcionar a cidade.

Na batalha pela subsistência os laços familiares eram fundamentais e as crianças participavam como componentes imprescindíveis a esta engrenagem. A necessidade obrigava, desde muito cedo, pequenos trabalhadores a circularem pela cidade para engraxar sapatos, vender jornais, amendoim torrado, pinhão, balas, verduras... A pouca mobilidade social formava contingentes de pequenos trabalhadores, que muitas vezes dividiam as horas do dia entre a escola e a jornada de trabalho, como lembrou um dos entrevistados: Paulo Augusto da Silva. “A luta pela sobrevivência era diuturna, o meu pai era pintor, eu e meu irmão Pedro vendíamos pinhão. A minha mãe cozinhava e nós saímos para vender. Isto desde criança, só dava tempo de chegar da aula, arriar a mochila e ir vender a mercadoria, para ajudar na subsistência da casa”²⁵.

Trajano Margarida cumpria o destino de grande parte dos outros meninos pobres, isto de acordo com um comentário escrito em 1956: “desde criança estracinhou-se para não ter o estômago a meia haste, que é como quem diz: - vazio! Como o inigualável Machado de Assis

²³AMANHÃ. Trajano Margarida. Florianópolis: Revista Ilustrada, junho de 1920, n. 13, ano 2.

²⁴O panorama tanto das relações sociais quanto econômicas da cidade de Florianópolis nestes primeiros anos do século XX, foi discutido por Hermetes Reis de Araújo, onde: “... ao contrário de algumas áreas formadas por municípios de colonização alemã e italiana existentes no Estado e que na virada do século apresentavam uma crescente prosperidade econômica, a capital mostrou no período um desenvolvimento econômico e populacional muito pequeno. Em suma: pouca coisa na antiga Desterro / Florianópolis parecia se adequar aos elementos recorrentes na maioria das análises sobre os processos de reformas urbanas e sociais verificados no Brasil no começo do século”. ARAÚJO, Hermetes Reis de. *A invenção do litoral* - reformas urbanas e reajustamento social na Primeira República. São Paulo: PUC, 1989 (Dissertação de Mestrado em História) p. 11.

²⁵Entrevista concedida à autora por Paulo Augusto da Silva, na cidade de Florianópolis em 03/07/1997.

gritou: Baleiro! Nas ruas de Florianópolis”²⁶. E mesmo não tendo sobrevivido muitas informações do tempo em que ele vendia o torrãozinho pelas ruas de Florianópolis, as poucas lembranças desta fase de sua vida são representadas de maneira ambígua, ora em versos nostálgicos como no poema a seguir:

*“Na minha rude Lira onde a tristeza impera
Cantando eu tenho, já, sentidas nostalgias;
O encanto sem igual da minha primavera
Que veio e que se foi como se vão os dias;*

*Minha alma que em sofrer jamais se desespera;
Que das aves do céu escuta as melodias,
A’s vezes enfronhada em rútila quimera,
Parece uma criança em meio de alegrias.*

*Por isso acho feliz humano ter saudade.
A gente julga a dor que agora nos definha,
Maior que a dor sentida em plena mocidade.*

*Que bom sentir saudade! ... Eu quando for velhinho,
Hei de sempre lembrar, para ventura minha,
O tempo em que gritava: - Oh! ... Moço! ... Torrãozinho!!!”²⁷.*

Se no poema acima Trajano Margarida se mostra conformado e triste, o desabafo é a mais evidente indicação do poema *Torrãozinho*²⁸, publicado em 1935:

*“O inverno era cruel. A noite escura e fria,
Mãe, que do bom Deus tem hoje a eterna unção,
Me agasalhando bem, baixinho me dizia:
- Em casa falta tudo. O açúcar... lenha... o pão...*

*Tem paciência! ... Vai! O vento parecia
Querer tudo arrasar. Naquela escuridão,
Criança, vacilante e apavorado, eu ia,
Sozinho e sem que alguém me guiasse pela mão.*

*Tristeza não ter pai! Deserto era o caminho.
E para suavizar do medo os mil tormentos,
Sem ver ninguém gritava: - O moço!..., Torrãozinho?!...*

*Debalde! Tudo em vão - À luz de uma candeia,
Naquela noite triste e cheia de lamentos,
- Mãe e todos nós fomos dormir sem ceia”.*

No poema estão indicados pormenores da precariedade material que espreitava famílias que em meio ao processo de urbanização em curso na cidade, não dispunham de produtos essenciais como a própria lenha. Neste caso, viver dentro das estreitas fronteiras urbanas acentuava a necessidade de obter um ofício remunerado em dinheiro, diferentemente

²⁶Nelson de A. Coelho. Trajano Margarida - Poeta e Seresteiro. Revista Anuário Catarinense, 1950. pp 124, 125.

²⁷Nostalgias. Trajano Margarida. Jornal A REPÚBLICA, 15/07/1934.

²⁸Torrãozinho. Trajano Margarida. A GAZETA, 08/10/1935.

dos moradores do interior da ilha que conseguiam driblar os rigores da sobrevivência às custas de pequenas lavouras, da pesca e da criação de animais, por vezes comercializando o excedente desta produção no centro da cidade, como era o caso dos muitos pombeiros que por ela circulavam.

Se por certos aspectos, como a quase inexistência de indústrias e a baixa densidade populacional²⁹, o cenário urbano de Florianópolis destoava daquele encontrado em outras capitais como São Paulo e Rio de Janeiro, por outro, muitas crianças pobres da cidade compartilhavam da mesma malfadada rotina³⁰, que era passar a infância a circular pelas ruas, como o filho de Caetana Rosa da Costa, que desaparecera quando vinha a pé do Saco Grande para o Centro de Florianópolis vender verduras. Garotos como Abelardo – “o referido menor é de cor morena, usa boné, traja roupa de brim clara e anda descalço”³¹ - ao trilhar as esburacadas estradas da ilha, em longas jornadas no seu trajar modesto, emprestavam nome e fisionomia a penúria material apesar dos discursos progressistas tão corriqueiros na pauta dos anos 30.

Além dos garotos que como Trajano Margarida freqüentavam as ruas vendendo pequenos produtos, havia ainda muitas outras crianças que vagavam sem um destino certo, como consta numa notícia veiculada num jornal de Florianópolis em 1932:

“... um triste aspecto com relação a vida dos menores abandonados. É doloroso vêr-se, diariamente dormindo aqui e ali, ora ao relento, ora por favor, numa ou noutra casa e até na Delegacia de Policia, um grande número de meninos, cuja vida está entregue ao seu próprio destino, sem pais, nem parentes que lhes volvam cuidados”³².

O clima comovido da nota é apenas uma das abordagens dentro da diversidade de discursos sobre o contexto destes menores em Florianópolis. Uns, sugerindo um controle mais efetivo das autoridades e apregoando que as ruas eram espaços de transgressão para crianças

²⁹A pouca expressividade populacional pode ser observada nos números do IBGE no Recenseamento Geral do Brasil de 01/09/1940, Florianópolis nos anos quarenta tinha uma população de 46.771 habitantes. Mesmo sendo a capital do Estado, e ao contrário da maioria das outras capitais do país, perdia em números populacionais para municípios do interior, como Araranguá, com 59.273 habitantes, Campos Novos (52.689 habitantes), Lajes (53.697 habitantes) e Rio do Sul (49.548 habitantes). Cabe destacar que o Bairro do Estreito somente foi anexado a cidade em 1943, antes era parte integrante do município de São José.

³⁰Sobre a relação com outras cidades ver: MOURA, Esmeralda B. Bolsonaro de. Meninos e meninas de rua: impasse e dissonância na construção da identidade da criança e do adolescente na República Velha. In: Revista Brasileira de História. São Paulo: Hamanitas, v. 19, n. 37, 1999. Para esta autora, a construção da identidade dos meninos e meninas pobres, durante a República Velha, hesitava de acordo com as condições em que estas achavam-se inseridas. Para as que estavam ocupadas com pesados serviços em fábricas e oficinas em cidades como São Paulo, a freqüência no âmbito público era tolerada, já que a labuta as mantinha distantes das tentações das ruas. Em contrapartida, recaía sobre aquelas que perambulavam pelas ruas mendigando, fazendo travessuras ou pequenos furtos, recorridas tentativas de controle e normatização.

³¹Desapareceu um menor verdureiro. A GAZETA, 10/12/1938.

³²Menores abandonados, Jornal A PÁTRIA, 27/01/1932.

que, como aquelas da reportagem, pareciam perambular sem um objetivo definido.

E no que se refere ao trato, que as autoridades, deram à presença das crianças trabalhadoras no perímetro urbano da cidade, na década de 1930, vê-se que foram insistentes as tentativas de normatizar condutas e atividades profissionais por elas desempenhadas. Isto é ilustrado por um edital do Juizado de Menores que “... proíbe aos menores do sexo masculino de menos de 16 anos, e do feminino, de menos de 18, sob pena de multa de um a três contos de réis, todo trabalho em estabelecimentos teatrais ou análogos, inclusive a venda de quaisquer objetos”³³.

Mas, a revelia destas proibições, muitas crianças permaneciam nos pequenos ofícios cotidianos colaborando com o sustento de suas famílias, comercializando, além dos produtos já mencionados, serviços, como o de carroto e de engraxate. Os engraxates eram vistos como indispensáveis nas tardes de domingo e conforme o pronunciamento de um dos homens da imprensa local, não deveriam ter atendida a sua solicitação de descansar neste dia:

“... Quer dizer que o cidadão que gosta de, aos domingos, andar bem engraxadinho, endomingado da cabeça aos pés, terá de, sábado à noite, entregar seus sapatos à perícia polidora dos engraxates. Se por azar, os sapatos se sujarem, por eventualidade qualquer, esse cidadão para não contrariar seu gosto higiênico e social, terá que limpá-los, em substituição aos engraxates paredistas”³⁴.

Como se nota, o ambiente público da cidade era ao mesmo tempo palco de labuta e vitrine da “jeunesse – doree”³⁵, onde alguns bens vestidos florianopolitanos praticavam sociabilidades, fazendo do trabalho dos engraxates um componente imprescindível do cotidiano de quem buscava nas ruas um espetáculo condizente com elegância e requinte.

Porém, a permanência do menor trabalhador pelas ruas da cidade deixou notório que o problema não se resolveria de maneira simplista, pois proibir as atividades profissionais das crianças era comprometer a sobrevivência de muitas famílias. E implementar saídas econômicas para melhorar as condições de vida das populações pobres era uma tarefa que, por

³³Um edital do Juiz de Menores. Jornal O ESTADO, 05/11/1935. Cabe salientar, com relação as crianças que trabalhavam nas ruas de Florianópolis que afasta-las deste tipo de ofício urbano não mostrou ser uma tarefa fácil, e presumir o fim do trabalho infantil nas vias públicas da cidade, se constitui num equívoco, a exemplo de um verso publicado na Revista *O Olho* de 13/04/1916, que precipitadamente lamentava:

*“Que pena! Foi condenada
A indústria do torrãozinho!
Há muita gente zangada...
Que pena! Foi condenada
Toda aquela gurizada
A perder o empregosinho!
Que pena! Foi condenada
A indústria do torrãozinho”.*

³⁴Os engraxates não querem trabalhar aos domingos. JORNAL A PÁTRIA, 12/01/1935.

³⁵Sessão das seis e meia. Jornal DIÁRIO DA TARDE. 11/08/1938.

impossibilidade ou falta de interesse, as administrações locais não pareciam dispostas a encarar.

Era necessário, entretanto retirar as cenas incômodas, e como estratégia discursiva a este impasse, nos dizeres publicitários da administração estado-novista (1937/1945), as crianças foram incorporadas a paisagem do dia-a-dia citadino como um elemento definidor da própria paisagem. A arte oferecia subsídios para que se registrasse poeticamente a vida destes meninos, de acordo com as linhas poéticas compostas para a propaganda do Estado e do município em 1939:

“... Mas entre todos, o ‘guri do torrquinho’ com sua lata de amendoim saboroso, é o mais encantador tipo urbano, imprimindo ao seu anúncio lê torrquinho, lá quenteinho, bem quenteinho! - na sucessão de notas, de a um tempo aguda e suave vibração, o sentido de uma frase musical perfeita, na vocalizada limpidez do tenorinho de sarjeta ... Amante da hora crepuscular, irrequieto e jovial, e bem o gaturano vadio, o adorável cantor dum pregão que incorporou, em definitivo, a própria alma harmoniosa e sentimental de nossas ruas”³⁶.

O verso mostra um imaginário urbano, onde sarjetas e ruas ganham um aspecto bucólico e afetivo, cheias de uma alma harmoniosa e sentimental... Taticamente, o silêncio em torno da falta de melhores oportunidades para os pequenos que ganhavam as ruas continuava omitindo as desigualdades que desde cedo marcavam aquelas não estavam “inseridas nas camadas economicamente mais favorecidas”³⁷.

Na década de 1950, o estereótipo dos *tenorinhos de sarjeta* continuava a inundar a imaginação de artistas locais, como o pintor Hassis, que num ele seus quadros, intitulado *Vendedores de torrquinho e jornal*,³⁸ mostra quatro figuras de perfil aparentemente masculino carregando latas com amendoim e jornais.

³⁶Santa Catarina - Revista de Propaganda do Estado e do Município. Florianópolis. Set. 1939.

³⁷MOURA, op. cit. p. 99.

³⁸Sobre o quadro do pintor Hassis (1957), ver: LEHMKULH, Luciene. Imagens além do círculo. O grupo de Artistas Plásticos de Florianópolis e a positivação de uma cultura nos anos 50. (Dissertação de Mestrado em História, UFSC, 1996. p. 44).



Figura 2: HASSIS. Vendedor de torrãozinho e jornais, 1957. Imagem fornecida pela Fundação Hassis

Mesmo que devidamente vestidas e calçadas, os meninos continuavam a carregar o peso da pouca mobilidade social em Florianópolis, e assim reforçando a permanência da representação que tão amarguradamente Trajano Margarida, nos seus poemas, denunciava ter vivenciado:

*"No tempo que eu vendia torrãozinho,
Quando eu era criança e não pensava,
Eu via que mamãe sempre chorava
Quando a imagem passava no caminho.*

*E, sem ouvir o rude borborinho
Do povo que, qual onda se agitava
Embora a soluçar, ela resava
Uma prece qualquer, em tom baixinho.*

*Naquele tempo então, devido a idade,
Eu nem sequer supunha que o seu pranto
Era filho da dor de uma saudade.*

*Mas, hoje sei, porque, só por lembrar,
Tudo o que ela sentia ao ver o santo,
- Também tenho vontade de chorar”³⁹.*

³⁹Procissão dos passos. Trajano Margarida. Jornal A GAZETA, 31/03/1936.

2.3 Cidade de vultos

“O Trajano Margarida foi um grande poeta, ele era mulato, deixou muitos livros publicados”

(Doralécio Soares)

Em meio a toda a tristeza que marca a obra de Trajano Margarida, o tom saudoso e sentimental com o qual ele caracterizou os poemas ganha ares comoventes quando os mesmos se referem a ex-escrava Geralda, sua avó. Remanescente do passado escravista, naquele momento ainda próximo, se estivesse ausente dos seus escritos certamente seria apenas mais uma na procissão de vultos daqueles anos, tendo em vista a escassez de registros que recobrem a vida dos escravos libertos em Florianópolis. Mas a pena de Trajano Margarida deu a ela um lugar na coletânea *Reminiscências*, e também em versos soltos, como em *Novena de maio*:

*"Sentada num cantinho escuro da cozinha
E, quase sempre olhando o fogo no fogão,
Vovô sem ser feliz, cantava a ladainha
Que mais a consolara em sua escravidão.*

*E, sem que eu pedisse, a boa e sã velhinha,
Com voz dorida e fraca e cheia de emoção,
Cantava, uma por uma, as preces com que vinha
Ditosa embalsamando o próprio coração.*

*Em uma noite em que atentamente eu a ouvia.
Sem mesmo eu esperar, Vovó com voz magoada,
Seu canto terminou: com flores, a porfia...*

*Não cantou mais. Depois fingindo um ar de graça,
Limpendo os olhos disse: - A lenha é tão molhada
Que até me fez chorar, por causa da fumaça”⁴⁰.*

De maneira geral, sabe-se que os ex-escravos na virada do século já haviam se misturado a outras populações empobrecidas, compartilhando territórios e modos de sobrevivência. Porém, emprestando ares de superação ao passado escravista, 13 de maio constava do calendário de comemorações das mais variadas instituições, como escolas e associações literárias, ganhando destaque também como matéria jornalística a cada ano. Por isto, em 1938, quando se comemorava o cinquentenário da abolição, não faltou o que era corriqueiro naqueles tempos de Estado-Novo, a tradicional parada escolar que desfilava pela

⁴⁰Novena de maio. Trajano Margarida. Jornal A GAZETA, 21/09/1935.

“Praça Quinze, ao som da banda musical da Força Pública”⁴¹. A data contou nos jornais de Florianópolis, com as mais inflamadas prédicas, enaltecendo as figuras notáveis da cidade e do país que estiveram à frente do movimento abolicionista. No rol dos muitos eventos que cercaram este 13 de maio, o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina realizou uma sessão solene no Clube XII de Agosto. Na ocasião, além dos muitos oradores de destaque “notavam-se as figuras mais representativas do nosso mundo oficial, corpo consular, e as mais altas damas da nossa sociedade”⁴².

Em paralelo a estas festividades, constatava-se na vida diária que o ato da abolição, como já consagrado pela historiografia, não havia concedido um lugar social para as populações negras. E a própria inexistência, hoje, de uma imagem pública da condição de vida destas pessoas em Florianópolis, confirma a exclusão social a que estavam condicionadas. Pessoas a quem a miséria despojava de sua individualidade, tendo a sua presença registrada na imprensa da cidade nos anos 30 em registros sombrios, uma vez que agregados aos cortejos miseráveis que não discriminavam idade ou cor da pele: “Um pobre preto velho, teve ontem, uma síncope, nas imediações da Farmácia do Sr. Eduardo Santos à Praça XV. (...) Populares acudiram também, amparando o pobre velho, enquanto durou a crise e oferecendo-lhe, após, café e leite, pois tratava-se de uma debilidade, proveniente da falta de alimentação”⁴³.

Juntamente às dificuldades materiais, estas pessoas conviviam com preconceitos que por vezes vinham à baila nos debates maquiados por teorias de superioridade racial. “O negro não é só uma máquina econômica; ele é antes de tudo, e mau grado sua ignorância, um objeto de ciência”⁴⁴. Em outras ocasiões não havia nenhuma preocupação com o apuro do disfarce, como na nota publicada no mesmo ano de 1938 num diário da terra - dias antes dos cinquenta anos da abolição - que sugeria que fosse removido das imediações do centro da cidade um “clube de gente de cor”. As razões declaradas eram de que “o batuque, com os seus respectivos cantos, é de molde a eliminar qualquer possibilidade de descanso, tal o barulho contínuo e ensurdecedor que produz”⁴⁵. Existia, portanto, uma assumida intolerância aos aspectos que cercavam o universo cultural deste grupo. E, em Florianópolis, assim como em outros recantos do país, o projeto social em curso não previa a integração destas pessoas, e tampouco da sua cultura. Trajano Margarida, apresentava, nos poemas sobre a avó, detalhes

⁴¹A parada de ontem. Jornal O ESTADO, 14/03/1938.

⁴²Jornal O ESTADO, 16/05/1938.

⁴³Teve uma síncope. Jornal A REPÚBLICA, 05/05/1931.

⁴⁴ROMERO, Sílvio. Estudo sobre a poesia popular do Brasil. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 1935.

⁴⁵Batuque e desordens. Jornal DIÁRIO DA TARDE, 28/04/1938.

reveladores deste contexto, mostrando em seus versos que a tristeza era uma espécie de marca impagável e se revelava insistentemente no convívio íntimo, na esfera do privado. Há, contudo, nestes mesmos versos, instantes onde as lembranças não estão envolvidas somente nesta atmosfera de tristeza. Instantes que retratam a própria avó as voltas com suas memórias, que o autor fez questão de registrar, com o propósito de dignificar a experiência de vida de Geralda, revelando que manifestações como o canto e a dança eram estratégias de sobrevivência, como sugere a poesia sem título, publicada nos idos de 1935:

*“Quase sempre de noite a minha avó Geralda,
Que o sofrer conhecia em toda a sua escola,
Sem o rasgo da frase e o requebrar da fala.*

*Cantava-me saudosa, a história já passada
Em que ela como moça era o encantar da sala;
A deusa que se impunha, a única adorada
Nos bailes da fazenda, em meio da Senzala.*

*E, para bem provar o que me relatava,
Contente como nunca, a boa da pretinha,
Sem recear censura, e a requebrar dançava.*

*Com o mesmo gosto e jeito e a mesma sensação,
Que a fez ser na senzala, em tempos de mocinha,
- A flor de mais destaque em plena escravidão”⁴⁶.*

Além da avó, Trajano Margarida versejou sobre outras figuras que faziam parte das visões estereotipadas entre elas a *decaída*. Este termo, espécie de estigma, era atribuído aquelas mulheres que, segundo o padrão moral vigente, ultrapassavam os estreitos limites em que a boa e sã moral esperava que se condicionassem as vivências femininas. Contrapondo-se enfaticamente, como no poema abaixo, ao clichê da *transviada*, ele procurava restituir à imaginária protagonista do verso, a sua dignidade individual afetada pelos julgamentos morais:

*“... No entanto ao ver o afeto em tudo abençoado
Com que trazes contigo o filho inocentinho
Cujo pai dizes ser um homem ignorado.*

*Maldigo a Sociedade, a vil, que a tanto quer,
Que lança sobre ti seu riso de escarninho,
Esquecendo que és mãe, que amaste e... és Mulher”⁴⁷.*

A crítica e o deboche eram articulados muitas vezes por indivíduos com quem dividiam uma posição inferior na hierarquia dos papéis sociais. Na visão do poeta a crítica e o deboche era algo impiedoso que não tinha como alvo somente as mulheres de comportamento

⁴⁶Sem título. Trajano Margarida. Jornal A GAZETA, 27/09/1935.

⁴⁷Transviada. Trajano Margarida. Jornal A REPÚBLICA, 08/07/1934.

diferente do modelo idealizado, mas também aquelas que possuíam algum um defeito físico:

*"Ante o riso da turba hostil e inconsciente,
Alheia ao pranto, á mágoa, ao sofrimento e a dor,
Tristonha ela transita e finge que não sente
O desprezo e o desdém que a envolvem com rancor.*

*E sob a crueldade atroz de toda gente,
Olhos fitos no chão, vencidos de pavor,
Isolada ela passa, a tudo indiferente,
Por ver em tudo o escárnio a lhe causar horror..."⁴⁸.*

Na literatura deste autor, outras mulheres aparecem desempenhando um papel de extrema relevância no dia-a-dia de suas famílias. Ele se referiu a elas em várias estrofes como pilares da sobrevivência diária. Circunstância típica na década de 30 e confirmada pela pesquisa em outras fontes⁴⁹, tendo em vista que se encontraram as mulheres pobres envolvidas numa rotina de trabalho visando suprir uma gama de necessidades materiais. Isto, seja através dos rendimentos que obtinham pelas faxinas ou pela lavagem da roupa suja dos sobrados da cidade, seja no preparo dos produtos que eram comercializados muitas vezes pelos próprios filhos nas vias públicas, ou dividindo com os homens os ofícios que a economia informal possibilitava.

Peças fundamentais de uma indispensável rede de ajuda mútua ofereciam seus préstimos nas mais variadas doenças: “No meu tempo de guri, os médicos na maioria das vezes eram pessoas que entendiam de determinadas coisas, a minha mãe muitas vezes foi chamada em casa para ajudar num parto, para aplicar lavagem...”⁵⁰ Havia ainda às curandeiras, as quais desempenhavam um papel que tinha uma forte conotação religiosa e se inseria num complexo universo cultural, onde a cura e a crença na sua possibilidade eram um só fator.

Aliás, estes modos de proceder frente às enfermidades, visto certamente com bastante desprezo em um momento de intensa valorização do saber médico, supria, ironicamente, carências decorrentes da inacessibilidade aos recursos da medicina. Benefícios que, nos anos 30, estavam ainda bem distantes do alcance do maior contingente populacional de Florianópolis, tanto daqueles que viviam nos bairros pobres quanto daqueles que residiam no interior da Ilha: “... minha irmã também teve pneumonia, meu pai veio ao médico aqui

⁴⁸A corcundinha. Trajano Margarida. Jornal A GAZETA, 11/10/1935.

⁴⁹De acordo com Paulo Augusto da Silva, que trabalhou na infância vendendo amendoim torrado pela cidade "Quase oitenta por cento das mulheres do morro eram lavadeiras, o problema de água era muito maior naquele tempo, no Morro da Caixa d' água elas iam lavar lá na internada, era uma espécie de remanso de água corrente, lá sempre tinha água, e ali elas botavam aquelas pedras e lavavam a roupa, minha mãe também trabalhou de lavadeira". Entrevista concedida à autora por Paulo Augusto da Silva, na cidade de Florianópolis em 03/07/1997.

⁵⁰Entrevista concedida à autora por Paulo Augusto da Silva, na cidade de Florianópolis em 03/07/1997.

embaixo, mas o médico não foi até lá, o médico deu o remédio sem ver ela, nosso pai contou a doença bem certinho e ela melhorou bem”⁵¹.

Trajano Margarida parecia especialmente tocado ao se referir a benzedeira Zeferina, que, segundo o poeta, era uma pessoa bastante respeitada em virtude das suas façanhas curativas. Falava de sua popularidade mostrando de forma poética sua morte e o cortejo funeral que a ela se seguiu, dando ênfase à comoção que o rompimento do convívio causava junto aos que dele se sentiam beneficiados:

*"Embora já contasse os seus oitenta e tantos
A dona Zeferina, a mãe do Zé Ventura,
Curava nervo torto, olhados maus, quebrantos,
Inchume, erisipela, insônia e rendidura".*

*E, assim, mostrando ao mundo os seus raros encantos,
Os dons que Deus cedera à sua alma humilde e pura,
Fez coisas do outro mundo, e causou mesmo espantos,
Curando um aleijado com simples benzedura.*

*Mas, tudo tem seu fim! De febre má, ferina
Depois da confissão, Santo Sacramento,
Morreu sem um gemido a dona Zeferina.*

*Jamais pude esquecer o enterro da velhinha:
Toda a gente chorava, e o Padre Livramento
Cantava, mas, tristonho, a santa Ladainha”⁵².*

Neste verso a Zeferina, Trajano Margarida também dá pormenores de procedimentos e falas sobre o tratamento de males, não apenas os do corpo. Alguns deles, como nervo torto e quebranto, apesar dos anos já passados ainda são referidos em alguns recantos da ilha pelos moradores mais antigos. Mas, o legado mais significativo do soneto é mostrar que na perspectiva da memória e da poesia de Trajano Margarida, figuras como Zeferina, que tinham a descrição do seu agir revestido de solidariedade, contribuíam para amenizar as dificuldades do dia-a-dia das comunidades pobres.

No entanto, o mesmo poeta captava outras figuras, vítimas das mesmas dificuldades do dia-a-dia, em torno das quais parecia não haver qualquer outro ponto de vista que não fosse o trágico. Trajano parecia guiar a sua sensibilidade na direção deste viver dramático e destacava nos poemas imagens já cristalizadas pela indiferença através dos anos. Num soneto publicado em 1936, o trovador urbano da capital descreve indignado as situações degradantes que aconteciam em suas ruas, onde alheio a apatia dos transeuntes um músico cego tocava cavaquinho, em troca de uma esmola:

"Igual ao som ferido em taça cristalina,

⁵¹Entrevista concedida à autora por dona Alice, na cidade de Florianópolis em 09/01/1997.

⁵²A curandeira. Trajano Margarida. Jornal DIÁRIO DA TARDE, 02/06/1938.

*Assim soa em minha alma a voz desse ceguinho,
Que em óusca de um alento à sua dor ferina,
Pede esmola a cantar, tocando um cavaquinho.*

*Quase alegre, o infeliz, com voz pungente e fina,
Da multidão febril que passa no caminho,
Invoca a compaixão, sem maldizer a sina
Que o deixa assim sem lar, sem mãe, cego e sozinho.*

*E, quando o escuto então na lírica amargura,
No palco desta vida a exhibir cantando
O mal que infelicita a sua alma humilde e pura.*

*Maldigo essa ironia impiedosa e insana,
Que sem nada temer, cruel, filosofand
Gargalha sem cessar da triste dor humana”⁵³.*

No mesmo tom inconformado, as frases ásperas do poema abaixo, intitulado *Os dois morféticos*, tiveram - propositadamente ou não - a ousadia de denunciar o processo de saneamento social que se estabelecia nos anos 30:

*“Forçados pela lei que, bárbara, assassina,
Que fere, esmaga e oprime aos pobres desvalidos,
Aos que a sociedade austera, má, ferina,
Transforma em simples réus, exclusivos e banidos.*

*Só no escuro da noite em que o terror domina,
É que eles, com receio, ocultos e sentidos,
Saem do esconderijo onde cumpriam a sina
Que os fez moços ainda, andarem foragidos...”⁵⁴.*

Este soneto foi publicado em 1939, portanto, no mesmo período em que as administrações públicas se empenham na implantação de instituições de reclusão como asilos, penitenciárias e abrigos. Esforço que objetivava retirar do convívio aqueles que por diversas razões eram vistos como anormais ou incapazes espécies de frutos indesejáveis sem lugar evidente, dentro de um projeto para a sociedade descaradamente incapaz de lidar com as diferenças. Tal empenho ganhava da parte de alguns jornalistas da cidade os mais enfáticos enaltecimentos: “há tempos, foi tomada pelas autoridades policiais uma providência digna por todos os títulos, dos mais rasgados elogios, qual fosse coibir o abuso desse espetáculo tristíssimo, de vermos as nossas principais artérias coalhadas de mendigos, andrajosos uns, cobertos de chagas outros”⁵⁵. Entre estes indivíduos tratados como parias, incluíam-se aqueles acometidos por moléstias consideradas contagiosas, como por exemplo, os portadores de Hanseníase, a quem Trajano Margarida fazia referência no seu poema.

⁵³O cego do cavaquinho. Trajano Margarida. Jornal A GAZETA, 03/10/1936.

⁵⁴Os dois morféticos. Trajano Margarida. Dia e Noite, 14/05/1939.

⁵⁵Mendicância. Jornal A GAZETA, 10/06/1938.

2.4 Roteiros perversos

*“Aos pobres funcionários,
Quer do Estado ou da União
Como prêmio Deus reserva,
Eterna Desilusão...”*

(Trajano Margarida, 1935)⁵⁶

Na sua maturidade Trajano Margarida convivia com a lembrança ambígua do garoto que vendia o Torradinho pela cidade e com o desagrado diante da sua vida de funcionário público. Entre estes dois momentos há um espaço de tempo, quando ele atuou como professor adjunto entre 1912 e 1914, nas cidades de Itajaí e Brusque, respectivamente. Esta etapa de sua vida não ficou registrada em nenhum dos seus escritos. Aliás, as únicas menções estão num livro de Assentamento do Serviço Público⁵⁷, e em rápidas linhas escritas sobre o poeta em 1950, que de maneira sucinta contam que “quando moço, no magistério, como adjunto de professor, viveu alguns anos. Mas, porque fosse a remuneração insignificante, depressa compreendeu não poder manter-se em semelhante mister. Abandonando-o”⁵⁸.

Por outro lado, sobre a sua tumultuada carreira de funcionário do Estado, junto a Secretaria do Interior e da Justiça, restou um número de informações suficientes para mostrar algumas das tensões que marcaram a trajetória dos vinte e três anos em que atuou junto a citada repartição, tendo em vista as diversas suspensões a que esteve sujeito⁵⁹. Circunstâncias que por sua vez se encontram também ilustradas nos textos do poeta, onde constam detalhes reveladores das situações que circunscreviam as atividades do serviço público na cidade, especialmente o descontentamento diante dos escassos vencimentos:

*"Hoje encontrei um colega,
Um pobre funcionário,
Que como os outros levava*

⁵⁶Três Por Dia. Jornal A GAZETA, 05/09/1935.

⁵⁷Livro 8º de Assentamentos da Secretaria da Fazenda, p. 51. Conforme estes registros, Trajano Margarida desempenhou as funções de professor provisório da segunda escola do sexo masculino em Itajaí, em 29/10/1912. Em 22/11/1913, foi transferido para a Vila Brusque a fim de ocupar o mesmo cargo. Foi exonerado a seu pedido desta escola em 07/03/1914.

⁵⁸Revista Anuário Catarinense, 1950. pp. 124, 125.

⁵⁹A carreira de funcionário público foi extensa, visto que iniciada em 23/09/1918 estendeu-se até quando de sua aposentadoria em 08/03/1941. De acordo com os livros de Assentamento 8º, 10º e 16º da Secretaria da Fazenda, o funcionário Trajano Margarida foi suspenso em: 25/03/1919 por 15 dias, em 27/04/1919 por 3 dias, em 18/02/1935 por 08 dias e em 28/11/1941 por 3 dias. Segundo consta no livro 10º de registros da Secretaria da Fazenda, p.71 os motivos das suspensões vão desde a “desobediência às ordens de seu chefe” até por “motivo de publicação de um soneto satírico visando seus superiores hierárquicos e o governo”.

A sua cruz ao Calvário.

*Descuidado o coitadinho,
De lutar já fatigado,
Nem por sonho calculava
Que andava sendo espiado.*

*E, ao dobrar de uma esquina,
Teve um susto – confusão!
- Ao seu encontro marchava
O moço da prestação”⁶⁰.*

A condição de vida dos funcionários da administração pública foi descrita por Trajano Margarida de uma maneira bastante peculiar, pois longe da frieza dos dados numéricos e anotações impessoais, ele representava através de uma literatura irônica, os interesses e picardias envolvidos na distribuição de cargos e promoções. Por isto a sua escrita, por vezes ousada e crítica, foi aparentemente a responsável por uma das suspensões mais comentadas, dado que a mesma ganhou publicidade em A Gazeta no ano de 1935, jornal do qual o poeta na época era colaborador. Dizia a manchete que fora “CASTIGADO PELA PUBLICAÇÃO DE UM SONETO O POPULAR POETA TRAJANO MARGARIDA”⁶¹. A notícia, que busca se mostrar solidária ao poeta, além de revelar peculiaridades acerca do fato, revela um pouco da sua relação com o ambiente citadino:

“Domingo último, ‘República’, órgão do partido situacionista publicou um soneto da autoria do festejado poda barriga verde Trajano Margarida. Aliás, reportando-se a outro soneto, sobre assunto idêntico, que publicara por ocasião do carnaval de 1934. No seu último soneto o popular poeta dizia que, agora, o seu bloco não era o mesmo do ano passado, arrematando com estes dois tercetos:

*‘Seremos da folia os extra-nerários.
E, para não vestir a fantasia de urso,
Iremos de roupão de simples funcionários.*

*O bloco é de pontinha, um grupo de escolhidos,
Que, sem ter pretensão a taça do concurso,
Contente há de gritar: - Bloco das preteridos”’.*

A imagem manifesta no soneto de Trajano Margarida é a mesma que a notícia, na sua continuação, acaba por confirmar ou seja, a falta de transparência nos procedimentos para com a nomeação dos cargos na administração pública. No problema entre o poeta o seu chefe vê-se minimizado um conflito maior, onde uns se mantinham ou escalavam rapidamente os degraus da ascensão profissional a custa de troca de favores e apadrinhamentos, e outros como ele, encontravam obstáculos por vezes difíceis de serem mesmo esclarecidos:

“... Indagado das razões que levaram aquela repartição, a cuja testa se acha

⁶⁰Três Por Dia. Jornal A GAZETA, 11/11/1935.

⁶¹Castigado pela publicação de um soneto o popular poeta Trajano Margarida. Jornal A GAZETA, 19/02/1935.

o ilustre confrade, Sr. Gustavo Neves, subemos que há tempos, aberta a vaga de Diretor do Interior e Justiça, com o falecimento do nosso pranteado conterrâneo Sr. José Rodrigues Fernandes, pleiteou o poeta, arrimado, ao que se diz, no critério de promoção, estatuído para o caso e por ser o 1º oficial mais antigo da repartição.

O governo, entretanto, por motivos que não vem a pelo esmiuçar, nomeou para o cargo o nosso confrade Gustavo Neves.

Daí, o ressentimento de Trajano despertando-lhe a useira verve garota, inofensiva e brincalhona, como a sua própria alma, simples e humilde de poeta do povo.

Não comentaremos aqui a justiça ou regularidade do ato interventorial, nomeando o nosso distinto colega de imprensa – Sr. Gustavo Neves. Si ele o fez, teve, por certo, as suas razões, e fortes razões.

Com o que, porém, não podemos concordar, em absoluto, é com a recente punição sofrida pelo poeta - funcionário, porque, em caso contrário, teríamos que aceitar a preterição como verdade incontestável, de vez que - sátira é a poesia em que o autor ataca os vícios e ridículos de seu tempo. Assim, classificar como satírico o soneto de Trajano é reconhecer a existência desses vícios e desses ridículos”⁶².

Por se considerar uma vítima destes arranjos, de longa data feitos fora de cena, Trajano valia-se do aparente clima de descompromisso do carnaval e publicava estes versos polêmicos pela cidade. Ainda com relação a notícia, houve demora não atendimento do apelo do jornalista, que cheio de reservas acabou concordando que Trajano Margarida tenha apenas atacado “os vícios e ridículos de seu tempo”⁶³, pois ainda demoraria por volta de três meses para ser atendido, e somente em maio a suspensão foi cancelada e ele recebeu o pagamento referente àqueles dias. Em agosto do mesmo ano, porém, o poeta arrematava, insistindo no tom jocoso que lhe valera a suspensão:

*“Logo após a suspensão
Que sofri sem ter idade,
E que tanto comentou,
Toda a gente da cidade.*

*Resolvi contra meu gosto,
E para evitar questão,
Transformar o - Nosso Bloco
Num galhofeiro cordão.*

*Porque, sendo simples Bloco,
De elementos escolhidos,
Não poderei levar todos
- Os que foram preteridos”⁶⁴.*

Para Trajano Margarida havia muitas razões para lamentar a impossibilidade de ascender a um cargo que considerava seu por direito, já que isto significava perder de vista um provável aumento de salário. Salário, aliás, que Trajano Margarida cansou de apregoar ser

⁶²Idem.

⁶³Idem.

⁶⁴Três Por Dia. Jornal A GAZETA, 31/08/1935.

insuficiente para garantir sequer uma vida modesta. Desta existência sobrevivida com poucos vencimentos, Trajano modelou o perfil do homem urbano empobrecido que construiu para si e para seus pares em Florianópolis nos anos 30. Estes não eram sequer representantes da pequena burguesia da cidade, que ainda podia sonhar com um lugar no projeto social dos anos trinta. No natal de 1939, Trajano reafirmaria de forma poética os dissabores que as privações materiais lhe causavam, vendo-se impossibilitado de presentear a esposa e filho – “nada tenho, bem vê, para te dar agora”⁶⁵ -, e erigir para a mãe um túmulo que não fosse:

*“... Simplesmente uma Cruz, sem flores, sem vaidade,
Nela escrito um poema, um mundo, uma grandeza,
Nos fulgores sem fim desta expressão – SAUDADE”⁶⁶.*

Trajano Margarida oferecia, portanto, um olhar diferenciado sobre a representação positiva do morador da cidade que nos discursos daqueles anos atribuíam a vida urbana uma visão redentora do atraso social⁶⁷. Um indivíduo mal vestido e endividado, as voltas com a perseguição dos cobradores, ficou imortalizado em uma das músicas criadas para o carnaval que inaugurava a referenciada década e que certamente foi cantarolada pelas ruas da cidade:

*“O Raymundo, que andava atrapalhado,
Sem dinheiro e sem roupa, pobretão,
Teve um dia a idéia, um lindo achado,
Comprar roupa fiado, em condição.*

*Muitos ternos comprou. Mas, coitado
Fica a morrer de forte indigestão,
E, por isso não pode em tempo dado,
Satisfazer nem uma prestação.*

*Agoniza o Raymundo. Está sem fala.
Em todos reina o pranto e o desconforto,
Quando grita um dos filhos lá da sala:*

*- O mamãe!... O mamãe!... tem gente aqui!
Nisso diz o Raymundo quase morto:
- Se for o Prestação, diz que eu morri”⁶⁸.*

Além da canção de Trajano Margarida, a cidade mostrava nos detalhes do seu cotidiano, outras resistências isoladas em forma de greves e protestos que diluem as imagens

⁶⁵A meu filho. Jornal DIA E NOITE, 25/12/1939.

⁶⁶Presentes de natal (a memória de minha mãe). Jornal DIA E NOITE, 25/12/1939.

⁶⁷Sobre uma imagem historiográfica positiva a respeito dos habitantes das cidades catarinenses Cynthia Machado Campos sugere ver CABRAL, Oswaldo Rodrigues. Santa Catarina história - evolução. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937. p. 18-20. Segundo esta autora Cabral delimitou três fisionomias para o habitante do litoral. A que nos interessa apresentar aqui é a que delineia o tipo urbano como “... alegre, hospitaleiro, inteligente, vivaz, educado, informado e asseado”. CAMPOS, Cynthia Machado. Identidade e diversidade no sul do Brasil: as tentativas de homogeneização do espaço catarinense no Estado Novo. In: Fronteiras - Revista Catarinense de História. Florianópolis: Imprensa Universitária, 1998. n. 7. p. 51.

⁶⁸MARGARIDA, Trajano. Canções carnavalescas. Florianópolis: Typografia Schuldt, 1930.

de sujeição, desânimo e conformismo numa época de destacada desmobilização das forças políticas que davam relevo a luta operária. Uma breve leitura dos jornais da cidade, especialmente durante 1935⁶⁹, permite observar protestos e reivindicações de trabalhadores em vários setores essenciais como alimentação, transportes e correios, que assim como Trajano Margarida viviam descontentes com as condições de trabalho e de salário. Acrescido a isto se tem os freqüentes apelos diante do tamanho diminuto do pão, do aumento dos fósforos, da farinha, do café, do açúcar... Situação que deixava no ar a pergunta “onde irão parar os chefes de família que vivem de poucos recursos, minguados salários, fazendo verdadeiras acrobacias de orçamento doméstico?”⁷⁰.

⁶⁹Após 1930 com a entrada de Getúlio Vargas no cenário político houve a tentativa de implantar vários projetos políticos. A partir do Estado-Novo 1937/1945, o nacionalismo aparecerá nos discursos presidenciais como elemento vital ao desenvolvimento econômico. Porém, para o sucesso de tal projeto era necessário um atrelamento da classe operária e a conseqüente desmobilização das suas forças políticas. Mas, até que o panorama político se mostrasse favorável a instalação da ditadura estado-novista o governo teve que conviver com inúmeras manifestações de diversos grupos sociais, inclusive as trabalhistas, que tem, então, no ano de 1935 sua maior mobilização. Apesar de Florianópolis não possuir um parque industrial que tornasse viável a formação de uma camada proletária nos moldes de São Paulo e Rio de Janeiro, onde se situavam as maiores expressões das manifestações operárias do país, muitos grupos de trabalhadores da cidade promoveram manifestações em forma de greve, se tem como ilustrativo destas greves no ano de 1935 a paralisação dos verdureiros, dos engraxates e dos retalhistas de carne verde do mercado.

⁷⁰O preço dos gêneros. Jornal O ESTADO, 31/07/1935.

2.5 Ocaso

*“Após longa e pertinaz enfermidade, faleceu,
no dia 14 do corrente, o nosso bom amigo Trajano Margarida.
Poeta dos mais ilustres,
consagrado e venerado por toda a população de nossa capital,
seu nome jamais será esquecido. Requiescat in pace!”.*

(Revista Atualidades, fevereiro de 1946)

A morte e os funerais eram temas freqüentes na obra de Trajano Margarida, sendo mesmo possível através de mais de uma dezena de versos, perceber como ele interpretava estes acontecimentos, especialmente o ambiente triste que tomava conta das pessoas envolvidas.

Em 1943, porém, um acontecimento traria inapelavelmente estes temas para a realidade do poeta, marcando de maneira profunda e definitiva os derradeiros versos de Trajano Margarida: a morte de Nelson, seu único filho. Se nos anos 30, o desencanto expresso nas constantes referências a saudade, as desigualdades e ainda a presença das personagens desesperançadas mantinham um frágil equilíbrio com as rimas ora debochadas, ora denunciatórias das crônicas de *Três Por Dia* e das letras carnavalescas, a partir daí seus textos tomaram-se apenas espelho do seu desalento.

Buscando angariar fundos para construir um túmulo para o filho, Trajano Margarida percorreu as ruas de Florianópolis, vendendo um opúsculo, onde o clima dos versos ia ao limite da comoção. O poema *Caixão Fúnebre* descreve o estado de espírito de um sujeito entregue ao sofrimento e a desilusão. A cidade que para ele era também cenário de uma tragédia coletiva, agora encenava a mesma tragédia com matizes individuais:

*“Todo preto e por cima, uns quatro galõesinhos,
Ocultando do povo afeito o que é grandeza,
Dos estorvos que eu tenho achado nos caminhos,
Desta vida de luta, enganos e pobreza.*

*Dentro dele, e já morto, embora os meus carinhos,
Coloquei o meu filho, a jeito e sem rudeza,
Com temor que o ferisse a multidão de espinhos
Que tornaram minha alma um templo de tristeza.*

*E, no dia seguinte, em procissão calada,
De mil flores coberto e a minha mágoa alheio,
Ele mesmo o levou a última jornada.*

*Ironia cruel que eu nunca esquecerei:
- Num caixão pobre, rude, esguio, negro e feio,*

- *Coube tudo o que em vida eu mais idolatrei*⁷¹.

Trajano Margarida, poeta de tantos escritos, silenciou a medida que entristeceu. Dizem os que o conheceram que a partir daí “... Trajano avelhentou rápido. Escarmugiu-se do público, tornou-se catacúmbio. Enfermou depressa. Dele ninguém soube mais pelos cafés...”⁷². Trajano torna-se ator de sua própria obra que retrata as velhas e conhecidas injustiças urbanas, a ironia das desgraças individuais de toda uma população que sofre coletivamente. Depois de viver, cantar e versejar a cidade - quer com o bucolismo do trovador singelo, quer com a acidez do crítico mordaz - a mesma cidade viu-o vender seus versos para ter condições de enterrar o próprio filho com o que ele achava ser um mínimo de dignidade. Um enredo antes patético do que trágico, a exemplo de seus poemas.

O Trajano Margarida, que nos anos 30 chegou mesmo a brincar com a doença que mais tarde seria a causa de sua morte, se esvanecera:

*“Mais doutor, esta tosse... o sangue e ... a falta de ar,
São males a meu ver que nunca mais tem cura.
Vejo a morte a sorrir, de mim se aproximar
E aberta vejo perto a minha sepultura.*

*Divirta-se bastante e esqueça tal pensar
Vinte e um anos e a vida em plena construtura.
Olhe! À noite, na esquina e a clara luz do luar,
Um trovador feliz, em voz possante e pura.*

*Canta tanto!... e tão bem! Imite-o por piedade!
Pois assim hás de ver em pouco suplantado
O mal que diz minar-lhe a flor da mocidade.*

*- Imaginem vocês o sofrimento meu.
- A sentença de morte... O médico enganado...
-Fui eu que andei cantando. O Trovador sou Eu*⁷³.

O ponto final do relacionamento do poeta com a cidade vem com sua morte em 1946⁷⁴. Seu último soneto denuncia em contornos amargos, a sensibilidade que a crítica literária de Florianópolis não percebeu. E que aqui neste trabalho tratamos como desencanto. O seu último poema, intitulado *Desilusão*, foi lido após a sua morte no programa *Hora Literária*, da Rádio Guarujá:

*Fumando o meu cigarro e contemplando a lua,
Longo tempo pensei na hora da desdita,
Em que em mim te foste, em que deixaste nua
De todo o teu amor, esta minha alma aflita.*

⁷¹MARGARIDA, Trajano. Nelson. Florianópolis: Estabelecimento Gráfico Brasil, 1943.

⁷²Nelson de A. Coelho. Trajano Margarida - Poeta e Seresteiro. Revista Anuário Catarinense, 1950. pp 124, 125.

⁷³No consultório. Trajano Margarida. Jornal A REPÚBLICA, 16/06/1934.

⁷⁴De acordo com a certidão de óbito Trajano Margarida morreu de insuficiência respiratória.

*Cheguei mesmo a chorar, por esta ausência crua,
Que faz a minha dor saudade indefinida!
Nunca visto eu tivesse a linda imagem tua,
Visto que não me deixa o meu sofrer excita.*

*E, ante o que hoje sinto, e tanto me definha,
Contrito, peço a Deus: - Senhor dai-me esse dia
Que eu possa tê-la, enfim, bem junto a mim só minha!*

*Neste instante, a fumaça, em curvas desiguais.
Desenhou com desdém, num gesto de ironia,
Estas frases cruéis: - É tarde!... Nunca mais!... ”⁷⁵.*

Para marcar o fato leu-se no jornal o seguinte texto: “Poeta dos mais ilustres, consagrado e venerado por toda a população de nossa capital”. “Seu nome jamais será esquecido”. Da perspectiva atual o trecho soa afinal como um refrão vazio de um obituário que tenta fugir da impessoalidade. Mas é fato que Trajano foi excluído da memória oficial da literatura catarinense. Contudo, o neto da ex-escrava Geralda nos legou através de seu poemas, a possibilidade de ver a cidade sob outro prisma e também conhecer um pouco mais das pessoas que aqui viviam. Elas, a quem Trajano se referiu foram esquecidos, afinal, trilhavam os esburacados caminhos urbanos na contramão dos anseios da elite, compondo cidades paralelas, ora nos morros, ora mendigando, nas procissões religiosas, nas trouxas de roupa suja, enfim driblando teimosamente as contingências do cotidiano.

⁷⁵Desilusão. Trajano Margarida. Revista ATUALIDADES, n. 3, Março de 1946.

3 O TROVADOR URBANO

3.1 A fisionomia de Três Por Dia

*“Este nosso Zé povinho,
Como o de qualquer lugar,
Da cousinha mais pequena,
Sempre tem que comentar.*

*E nesse vício maldito,
Com ar pesado, profundo,
Ninguém lhe pode escapar:
- Fala de Deus e o mundo.*

*E agora sem mais nem menos,
Proceder que acho esquisito,
Fala sobre o sobretudo,
Do Clementino de Brito”*

(Trajano Margarida, 1935)

Trajano Margarida publicou, nos anos de 1935, 1936 e 1939 uma coleção de poemets intitulados *Três Por Dia*⁷⁶. Estes textos tinham o formato de versos escritos em três quartetos, aparecendo em geral acomodados na última folha do jornal, ou soltos de maneira aleatória por entre as suas páginas.

O protagonista destes versos é a cidade, ou mais precisamente os ares citadinos que Trajano Margarida capturou de maneira cáustica e pitoresca⁷⁷, registrando nas suas entrelinhas uma interpretação do contexto urbano, permitindo que este seja observado numa dualidade de perspectivas. Por um lado, a da crítica social resultantes dos debates em torno de acontecimentos que eram temas das conversas pelos bares, cafés e ruas de Florianópolis. Por outro, a do caráter despretensioso das composições, já que o autor, para falar das minúcias do cotidiano bem como sobre temáticas mais amplas, compunha breves e bem humoradas historietas, que guardam informações que por vezes passam despercebidas a uma observação desatenta. Desse modo, foi imprescindível para a compreensão dos significados de alguns

⁷⁶Estes poemets foram publicados em 1935 e 1936 no jornal A GAZETA e, em 1939 no jornal DIA E NOITE.

⁷⁷A opção por parodiar a vida cotidiana, relacionava o autor com um tipo de produção artística que segundo Elias Thomé Saliba, marcava presença nos jornais nacionais desde o período regencial e se constituía em “... uma forma privilegiada para representar as condições de possibilidade das vivências e das sociabilidades cotidianas do país”. SALIBA, Elias Thomé. A dimensão cômica da vida privada na República. In: História da vida privada no Brasil. v. 3. São Paulo: Cia das Letras, 1998. p. 297.

destes escritos vasculhar fontes como os jornais da época e a memória de antigos moradores, que acrescentaram a análise das crônicas aqui apresentada a riqueza da experiência vivida. Experiências que em muito se coadunam com a cidade vislumbrada em *Três Por Dia*⁷⁸.

Apesar da relevância dada pelos jornais a ocorrências tidas como universais, à exemplo dos conflitos internacionais, na abordagem de *Três Por Dia* estes fatos eram muitas vezes reelaborados e ganhavam ares de miudeza cotidiana. Esta prática, aliás, pode ser observada como uma das características dos versos, ou seja, associar tais eventos às especificidades do âmbito local.

Perante estas situações, a pena de Trajano Margarida registrava a representação do ambiente sócio-cultural dos anos trinta, moldando imagens da cidade que recolhia no compasso apressado dos eventos que marcaram a década. O poeta brincava, sobretudo com as carências do viver moderno em Florianópolis, especialmente os contrastes, as incongruências, as convivências e as transformações que se desenrolavam entre as tímidas fronteiras urbanas desta cidade.

⁷⁸Entendemos que o uso destes versos como subsídios à pesquisa histórica não pressupõe necessariamente uma discussão em tomo das normas lingüística, uma vez que, num trabalho historiográfico discutir textos literários por este caminho pouco acrescentaria aos objetivos propostos. Se entende que a obra deste poeta permite, como qualquer outro registro da época em evidência, lançar luzes sobre as perguntas feitas por este trabalho, e que, como percebeu Rosângela Patriota: "... Na busca desta resposta, os historiadores da arte e da cultura podem oferecer, uma contribuição importante, desde que tenham a percepção de que a críticas às hierarquias constituídas é o primeiro embate no campo das complexas relações entre História e Estética". PATRIOTA, Rosângela. O lugar da tragédia e da comédia na construção do erudito e do popular na tradição literária. Anais do XX Simpósio da Associação Nacional de História. São Paulo: Humanitas / FLCH/USP: ANPUH, 1999. p. 841.



Figura 3: Praça XV de novembro, busto em homenagem a Victor Meirelles

O lugar onde o poeta situa os enredos e os figurantes destas crônicas são os aparatos da cidade; as lojas, os recantos de lazer, de trabalho e de religiosidade, descrevendo a sua maneira, ambientes que eram referências diárias por constarem dos itinerários obrigatórios do ir e vir cotidiano, como o mercado público e o bonde, ou até mesmo espaços de convivência e sociabilidade, como bares, cafés, cinemas e praças.

*“Sob o conforto das sombras
De ramalhuda Figueira,
Todo o povo admirava
Com troça e com brincadeira.*

*Uma figura de moça,
Que para beleza sua,
Sem desplante se mostrava
Inteira e completa nua.*

*Quis assim o Luiz Franco,
Pintor mesmo de verdade
Dar umas horas de gozo*

*Aos velhos desta cidade*⁷⁹.

Existem lugares mencionados em *Três Por Dia*, como a confeitaria do Chiquinho e o Bar Miramar⁸⁰, que sobrevivem hoje apenas no âmbito da memória. E, dado a constância de suas citações deduz-se que o poeta era deles freqüentador assíduo. Para Trajano estes eram espaços de debates onde se opinava sobre a situação política, o carnaval, as contendas entre conhecidos e toda a sorte de matérias, como pode ser observado na menção à invasão da Abissínia feita pela Itália em 1935:

*“Numa roda do Chiquinho,
Ponto de eterna alegria,
Entre muitas outras coisas,
Um virtuoso dizia:*

*- Lei pra mim só na Abissínia,
Quando se pega ladrão,
Não tem cadeia nem nada,
Levam o bicho e cortam a mão.*

*Nisso respondem gritando
Um pão d’ água maçaneta:
- Se a lei pega em nossa terra...
Quanta gentinha maneta*⁸¹.

Em paralelo a estes animados colóquios citados pelo poeta, ocorria também na cidade uma constante estigmatização de lugares e pessoas considerados desajustados aos padrões de civilidade em voga no imaginário das elites. Este procedimento, todavia, não se constituía em novidade, sendo corriqueiro nas primeiras três décadas deste século e assim adentrando os anos 30. Tendo como uma das suas facetas mais desagradáveis as práticas adotadas para selecionar a freqüência nos ambientes de uso coletivo daqueles anos.

A demarcação territorial dos espaços de sociabilidade visava fabricar e acentuar as distinções entre as elites e os menos afortunados⁸². Naturalmente, as estratégias utilizadas foram diversificadas, como preço de ingressos e vestimenta, afinal como comentou o Sr. Paulo Augusto da Silva: “... A gente não ia entrar de chinelo aonde um outro está de gravata. As pessoas se retraíam, acabavam não indo. No Miramar, por exemplo, não tinham estas restrições, já dava para ir, havia uma confraternização mais ampla”⁸³.

⁷⁹Três Por Dia. Jornal A GAZETA, 23/10/1935.

⁸⁰A Confeitaria do Chiquinho localizava-se à Rua Felipe Schmidt, e segundo o Jornal A GAZETA de 02/02/1935 fora “pelo vulgo batizada luxuosamente de *Broadway*”. Já o Bar Miramar foi construído em 1928 e desapareceu quando do aterramento da Baía Sul em 1974.

⁸¹Três Por Dia. Jornal A GAZETA 31/10/1935.

⁸²Esta situação foi amplamente abordada por ARAÚJO, Hermetes Reis de. *A invenção do litoral – reformas urbanas e reajustamento social na Primeira República*. São Paulo: PUC, 1989. Dissertação de Mestrado.

⁸³Idem.



Figura 4: O cais do Bar Miramar antes de 1928

O Miramar sobreviveu, de acordo com esta lembrança, carregando a reputação de espaço democrático. E, de fato, apesar de na ter resistido as transformações que alteraram a parte central da cidade, ocorridas há mais de vinte anos, o Miramar é hoje, para muitos, um *ícone* do passado da cidade, sendo recorridas vezes lembrado de maneira saudosa em obras de cunho memorialista como, por exemplo, *No tempo do Miramar*⁸⁴ de Sebastião Ramos:

*“... Morreu a memória, morreu meu sonho
entre tantos outros sonhos.
A saudade, só a saudade ninguém mata,
a saudade do velho trapiche,
do meu doce, inesquecível Miramar”.*

A condição do Miramar, porém, nos idos dos anos 30, não era das mais promissoras uma vez que “O sabor da novidade passara desde que se havia entregado a monotonia da vida provinciana”⁸⁵, estando fechado no ano de 1935 a procura de um arrendatário que tivesse

⁸⁴RAMOS, Sebastião. *No tempo do Miramar*. Florianópolis: Papa-Livro, 1993.

⁸⁵Fechado para negócio Jornal O ESTADO, 02/04/1935.

interesse em manter funcionando o “mais belo bar desta capital”⁸⁶. A impressão de abandono e de atraso que o bar fechado inspirava aos que chegavam foi uns dos motivos que tornavam sua reabertura uma necessidade urgente, eliminando enfim a impressão desagradável que o recinto causava. Haja vista que então, por carência de cuidados, o Miramar deixava de ser “freqüentado pelas exmas. famílias, que faziam o *footing* ou procuram nas praças públicas respirar um ar mais puro e menos cálido”⁸⁷.

A discussão em torno da sorte do Miramar nos anos 30 espelha também uma das preocupações constantes dos jornalistas, mostrando o desconforto que estes sentiam diante da condição de Florianópolis como uma capital de pouco destaque, quando comparada com cidades como São Paulo e Rio de Janeiro. Na tentativa de equacionar a diferença, estes recheavam as páginas dos diários solicitando medidas enérgicas contra o que julgavam ser flagrantes de desrespeito ao progresso da cidade. A nota abaixo apresenta ainda como destaque o tão controverso Miramar:

“O sr. Paulo Posito, que pretende reabrir o Bar ‘Miramar’, mandou ante-ontem, colocar no exterior daquele estabelecimento, quatro campainhas, afim de serem utilizadas pelos freqüentadores, quando necessitarem da presença de um garçom. Pois bem, essas campainhas, colocadas à tarde foram à noite violentamente arrancadas por indivíduos da perversa fauna que acima nos referimos”⁸⁸.

Assim sendo, ao observar algumas das circunstâncias relacionadas a este local de convívio social, no período focalizado, reconhece-se um pouco melhor a cidade que foi o lugar onde viveu o nosso cronista, especialmente porque naquela época o mar mantinha com Florianópolis uma relação diferente. Isto, seja pela proximidade com o Mercado, com a Praça XV, com a Alfândega, e com os demais logradouros da região, seja pelo comércio decorrente da atividade portuária, que nos anos 30 já começava a esboçar as dificuldades que a fariam desaparecer nas décadas subseqüentes. Decadência que não passou despercebida por um jornalista que profetizava a extinção do porto, afirmando que “uma cidade marítima sem porto, numa ilha montanhosa e pouco salubre, é uma cidade que tem os seus dias contados. Tal é o futuro de nossa capital”⁸⁹.

Sobre a história do porto na década de 1930, existem poucas referências além de dados estatísticos e econômicos, e fatos políticos relacionados a ascensão e queda da atividade portuária. Porém, o que interessa destacar é que o grande fluxo de pessoas e mercadorias que chegava a Florianópolis se dava por via marítima. Conseqüentemente, o envolvimento da

⁸⁶Bar Miramar. Jornal O ESTADO, 02/04/1935.

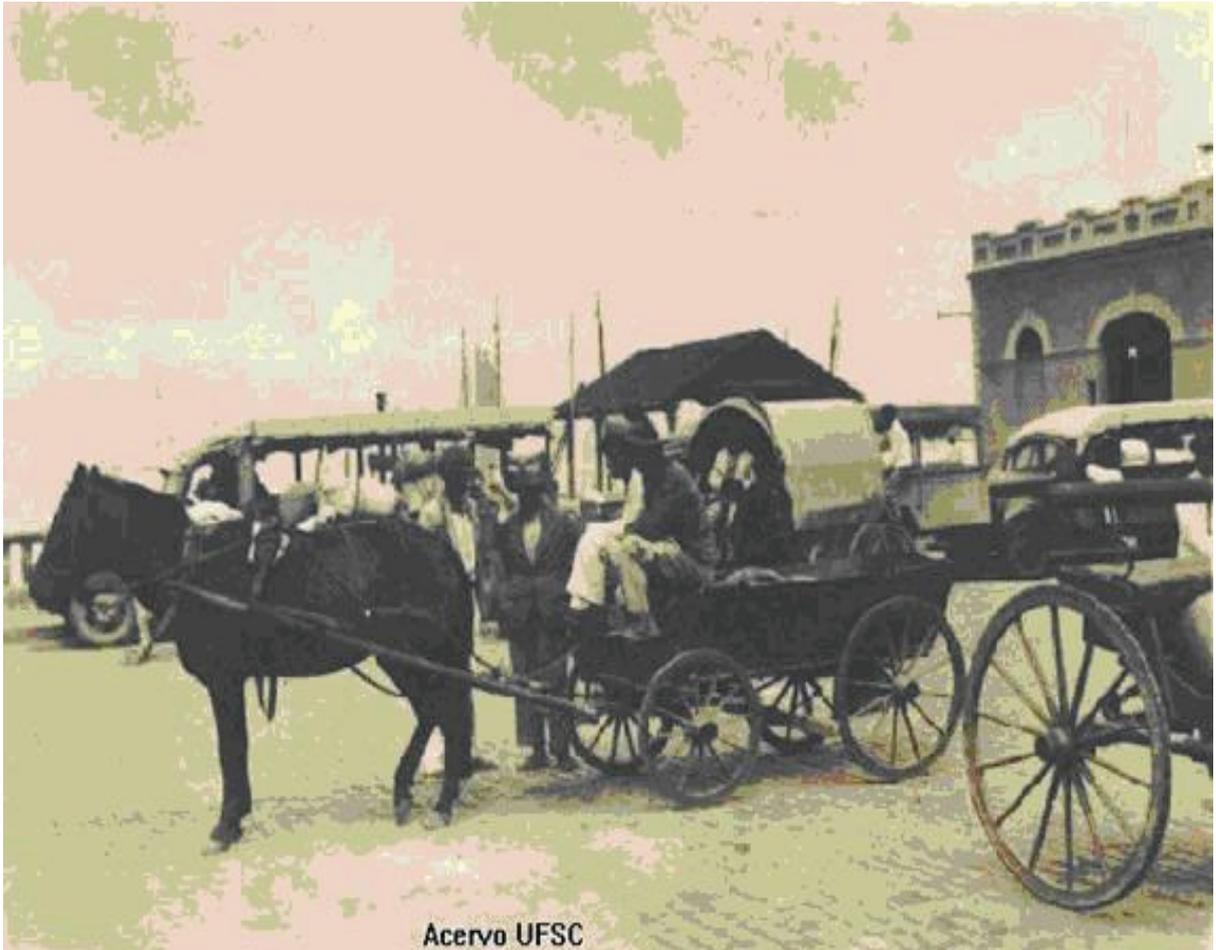
⁸⁷A cidade. Jornal A GAZETA, 28/05/1935.

⁸⁸Vandalismo. O ESTADO, 29/06/1935.

⁸⁹O porto de Florianópolis. Jornal, O ESTADO, 08/07/1935.

atividade portuária não delimitava apenas relações comerciais, mas também uma rede de contatos sociais que se circunscreviam naquela zona.

Esta região, portanto, que ficava entre o Miramar, Mercado Público e Alfândega, constituía-se num dos território mais frequentados da cidade.



Acervo UFSC
Figura 5: Mercado Público por volta de 1940

E, de fato, para o visitante recém chegado o porto reservava as primeiras imagens da cidade, que se refletiam no traçado das edificações ali existentes e na feição da gente que trabalhava e circulava por aquela região. Se o problema do porto poderia ser resolvido, segundo os jornalistas, com investimento de ordem material, a questão do Miramar ia mais além, sendo necessário um “imprescindível saneamento moral”⁹⁰.

Em 1939, “deu-se um incidente desagradável, no Bar Miramar, dele resultando sair ferido o escriturário do tesouro do Estado Políbio Napoleão Venera...”⁹¹. Indiferente aos apelos civilizatórios do final da década, o Miramar continuava, teimosamente, a receber toda

⁹⁰A cidade. Jornal A GAZETA, 28/05/1935.

⁹¹Funcionário do Tesouro agredido no Bar Miramar. Jornal DIA E NOITE, 26/03/1939.

a sorte de fregueses, inclusive o próprio poeta Trajano Margarida, um dos envolvidos na notícia antes citada, que na sua continuação informava: “Sabemos, no entanto que os srs. tte. Romulo Colonia, cap. Demerval Cordeiro e Trajano Margarida conduziram à delegacia os indivíduos Hélio Souza da Silva e João Felizardo Silva, por ter vibrado na cabeça de Políbio Napoleão Venera, violenta garrafada, que atingiu a região frontal, produzindo grave contusão...”.

A cena, corriqueira na vida noturna de qualquer cidade, é, contudo merecedora de destaque, porque permite demonstrar que o esforço impetrado com o objetivo de regular os comportamentos, criando restrições aqui e ali, no intuito de que num só movimento seja orquestrado o desenrolar da vida diária, encontrava em Florianópolis resistências e dificuldades.

A história do bar Miramar, na década de 30, confunde-se assim com a história da própria cidade. Através das pistas que ficaram soltas ao correr do tempo é possível enfatizar aspectos que, se não se constituem em ambigüidades acerca da história deste espaço, ao menos acrescentam às referências exclusivamente singelas outros pontos de vista. Estes mostram dimensões de importância capital para se compreender aquele contexto histórico, uma vez que estes restritos fragmentos recolhidos da trajetória do Miramar levantam suspeitas sobre qual fator foi mais preponderante para a sua permanência no extrato da memória da cidade, se foi como o ambiente seletivo da *elegância ilhoa* ou como o ponto boêmio da cidade.

3.2 O desfecho tragicômico dos dias

*“Nesta minha amada terra,
Onde um dia hei de morrer,
Há coisas que, mesmo simples
Nela jamais hei de ver:*

*A cidade iluminada,
Como era antigamente:
Ser a vida mais barata.
Para consolo da gente...”.*

(Trajano Margarida, 1935)

Em uma nota publicada em 1930, no jornal *Folha Nova*, encontra-se um exemplo da incompatibilidade que os discursos da Imprensa local estabeleciam entre as pessoas, serviços e produtos considerados novos e as muitas sobrevivências dos seus correspondentes tidos como velhos. Segundo esta notícia, residia embaixo da ponte Hercílio Luz um poeta cego, de nome João Rosa Júnior, que vivia numa situação de profunda precariedade material, sendo “Tão humilde que mora numa casa desmoronada. Aquelas ruínas que gemem, esmagadas sob o grito do progresso de um formidável monumento de metal”⁹².

⁹²João Rosa Junior - O -poeta cego. Jornal FOLHA NOVA, 16/08/1930.



Figura 6: Ponte Hercílio Luz antes de 1935

De um lado então, a Ponte Hercílio Luz, símbolo máximo das realizações modernizantes na cidade, cuja referência é permeada de significados positivos. De outro, o poeta cego, cuja descrição da existência é envolvida em uma atmosfera pessimista e sombria, oprimido pela imponência da ponte. Enfim, o poeta João Rosa Júnior era a antítese do ser biologicamente sintonizado com as exigências dos tempos modernos: racional, objetivo e aguerrido. Da breve historietta entre o homem e o monumento, percebe-se um imaginário que na mesma medida em que fazia soar como uma onda irrefreável o projeto modernizador, excluía aquilo e aqueles que nele não se enquadravam.

Todo este movimento, porém, não foi exclusividade da década que ora se estuda, pois o esforço em tornar Florianópolis uma cidade devotada aos mandamentos da modernização já se esboçara desde o final do Império. Nos jornais locais, fonte privilegiada para observar os diferentes modos de vida que aqui se estabeleciam, é possível notar que os moradores mais abastados se empenhavam em viver como as camadas burguesas dos centros considerados mais civilizados do país, São Paulo e Rio de Janeiro, que em contrapartida exportavam novidades materiais e comportamentais para centros menores, como era o caso de

Florianópolis⁹³.

A partir deste período, a cidade foi sendo equipada com algumas melhorias urbanas⁹⁴. A instalação do serviço público de fornecimento de água, a construção do mercado, o sistema de iluminação pública a gás e a ponte Hercílio Luz, exemplificam a concretização de anseios e demandas das elites florianopolitanas. Estas visavam, sobretudo pôr fim à condição - segundo seu julgamento - problemática da cidade, uma vez que “nada existe de concreto que possa assegurar a Florianópolis uma vida própria, se um dia perder a coroa de capital do Estado. Não tem outra indústria que represente o valor real, senão as disputas com as ondas do mar e dos peixes que lá vivem”⁹⁵.



Figura 7: Mercado Público antes de 1935. No canto inferior direito, a figura do Pombeiro

⁹³Ver: SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnicas, ritmos e ritos do Rio. In: História da vida privada no Brasil. v. 3. São Paulo: Cia das Letras, 1998. p. 523. Este autor demonstra que o papel de metrópole, no contexto da modernização no início do Século XX, recaiu sobre o Rio de Janeiro, sendo que esta cidade funcionou como receptor das tendências vindas de fora e que sua vez exportava as novidades para outros centros. In: História da vida privada no Brasil. v. 3. São Paulo: Cia das Letras, 1998. p. 297.1

⁹⁴Sobre a implementação dos serviços urbanos mencionados ver: VEIGA, Elaine Veras da. Florianópolis: Memória urbana. Florianópolis: Editora da UFSC e Fundação Franklin Cascaes, 1993.

⁹⁵A cidade. Jornal A GAZETA, 04/01/1935.

Nos dizeres progressistas, certos profissionais e aparatos urbanos iam pouco a pouco perdendo a sua conotação utilitária. Muitos deles remanescentes do século XIX - como o Teatro Álvaro de Carvalho, o velho cemitério, o bondinho movido a tração animal, os pombeiros, os engraxates e os carregadores de piano - insistiam em fazer sombra ao retrato desejado da moderna Florianópolis dos anos 30⁹⁶.

“... eu conheci o Benjamim e o Fornalha... Eles carregavam pianos, eram também estivadores. O Benjamim era carregador de malas, mas a especialidade daquela turma era carregar pianos, aqueles pianos alemães, o melhor jeito de carregar aqueles instrumentos era nas costas e não dentro de um caminhão ou caminhonete, pois ele ia acabar desafinando...”⁹⁷.

Estes trabalhadores, ainda elementos fundamentais ao funcionamento da cidade, passaram, portanto a representar uma nostalgia incômoda à vida moderna, elegante e higiênica que se buscava estabelecer. Outros, segundo os discursos, pelo comportamento inadequado, eram responsabilizados por conferir à cidade um aspecto assaz atrasado, já que contrariavam os padrões das novas sociabilidades, como por exemplo,

“...o costume, que os garotos engraxates da rua Felipe Schmidt adotaram de, pela manhã, quando o serviço não é demais, puxarem seus mochos para o meio da via pública e, em barulhento cenáculo, permanecerem ali, fazendo apelos à freguesia ou dando ‘cargas’ aos transeuntes caricatos”⁹⁸.

A irritação do jornalista ajustava-se a outros apelos pelo embelezamento das vias públicas que foram temas freqüentes nos jornais, vindo acompanhados de uma espécie de receituário indicando que “... a modernização da nossa capital deve merecer um cuidado desvelado, e, para que se opere de forma eficiente e harmoniosa, deve antes de tudo, obedecer a um plano pré-traçado, que iria se executando gradualmente...”⁹⁹.

⁹⁶Encontramos em Florianópolis alguns aparatos e personagens alvo das mais variadas críticas, e que não tinham lugar, segundo alguns comentadores, na nova ordem que os discursos buscavam implementar. Num texto sobre as Dissonâncias Sociais na cidade moderna Cristina Cortez Wissenbach, aborda esta mesma situação na Capital Federal, mostrando os imaginários que circulavam pelas revistas e jornais tendo como alvo as questões ligadas as problemáticas urbanas e o processo de modernização em curso. Segundo ela “Em cenas da vida carioca, Raul Pederneiras sintetiza o que deveria ser apagado da memória e do cenário citadinos figuras sociais populares ou do gosto popular, seus meios de sobrevivência e ofícios tradicionais, seus pontos de encontro: o palhaço o baleeiro, a preta mina, o engraxate ao ar livre, os carregadores, o trapeiro, os capoeiras, os condutores de perus e vendedores a domicílio de leite de vaca, os quiosques a bandeira do Divino”. Sobre a comparação de Florianópolis com o Rio de Janeiro ver o texto de WISSENBACH, Cristina Cortez. Da escravidão a liberdade: dimensões de uma privacidade possível. In: História da vida privada no Brasil. v. 3. São Paulo: Cia das Letras, 1998. p. 96.

⁹⁷Entrevista concedida à autora por Paulo Augusto da Silva, na cidade de Florianópolis, em 03/07/1997.

⁹⁸Jornal O ESTADO, 20/03/1935.

⁹⁹Calçamento das ruas. Jornal O ESTADO, 08/03/1935.



Figura 8: Teatro Álvaro de Carvalho por volta de 1950

Alheios a estas críticas sobre o seu jeito de viver, estes sujeitos que eram vistos como desajustados sociais viviam o aspecto mais excludente do projeto modernizador. Pormenores acerca destes aspectos podem ser percebidos ao se analisar a interação da vida social com os bens materiais da modernização, especialmente com relação ao acesso a estes bens . E para tanto é importante distinguir os produtos que adentravam pelo cotidiano em termos de serviços públicos, e aqueles que ocupavam espaços na intimidade. A velocidade com que o alcance destes produtos e serviços atingiu a população foi diferenciada, mesmo porque estes não estiveram disponíveis a todos os habitantes. Telefone, automóvel, geladeira e outros utilitários eram na década de 30 um luxo, restrito aos poucos florianopolitanos que possuíam rendimentos necessários a sua aquisição.



Figura 9: A travessia Ilha - continente antes da construção da Ponte Hercílio Luz

O maior grupo de moradores, que com muita labuta conseguia arcar com os gastos mais essenciais, foi se equipando e convivendo com as novidades de maneira lenta. A disparidade social contribuía desta maneira para que o alcance das mudanças não se processasse de maneira tranqüila, já que indiferente às desiguais possibilidades de aquisição dos artefatos, a propaganda no rádio, revistas e jornais, mostrava insistentemente as suas novidades, que por sua vez compunham a exterioridade do ser moderno; “Si não possuis um receptor rádio - fazeis mal. Não podereis desta forma acompanhar o movimento esportivo, regatas, futebol etc... de todo mundo¹⁰⁰.

De todo modo, mesmo não manuseando estes produtos na mesma velocidade que as elites o fizeram, as camadas empobrecidas da população instituíram, por sua vez, significados próprios para o processo de modernização da vida na cidade. Nas rimas de *Três Por Dia*, Trajano Margarida registrou estas relações da vida sócio-cultural amalgamando as suas experiências às destes grupos sociais que não estavam em destaque. Seu lugar é ambivalente: ele tanto participa, vivenciando os acontecimentos, como assume o papel de mero narrador do

¹⁰⁰Sportmans... Jornal A PÁTRIA, 05/01/1935.

frenesi urbano, anotando as suas experiências de maneira ora explícita, ora sutil. Foi assim procedendo que o poeta acenava para dicotomia entre os discursos modernizadores e as práticas que efetivamente davam forma ao desenlace cotidiano, revelando assim uma cidade de artefatos fincados teimosamente no passado, como o relógio da catedral, que apesar das reformas de 1922¹⁰¹, não conseguia:

*“Andar certo e bem certinho,
Dando a hora pontual,
O relógio indesejável
Da torre da catedral”¹⁰².*



Figura 10: Catedral Metropolitana

¹⁰¹De acordo com GUIA DA CATEDRAL METROPOLITANA “nas comemorações do Centenário da Independência do Brasil, em 1922, deu-se a grande reforma da Catedral, quando teve suas paredes laterais aumentadas, alteradas as torres, e acrescido um alpendre neoclássico, em sua portada”.

¹⁰²Três Por Dia. Jornal A GAZETA, 31/10/1935.

Na ótica do poeta, a catedral metropolitana, encravada no coração do centro urbano da cidade, continuava a sustentar o descompromisso de um tempo menos regulado, “limitado apenas ao que a natureza ensina”¹⁰³. Tempo por onde transcorriam muitas existências, algumas alheias ao processo de modernização, especialmente daquelas populações que moravam em localidades mais distantes como Santo Antônio e Rationes, onde “... a gente gostava de apanhar as frutas nas árvores e comer. Quando fiquei moça ajudava meu pai a colher café, ele era lavrador, com 19 anos eu ainda era uma criança”¹⁰⁴.

Trajano Margarida observava o que um breve olhar sobre os periódicos da época confirma, ou seja, que o conforto e a racionalidade, um dos apelos mais sedutores da propaganda modernizante, nem sempre estiveram presentes nos primórdios do convívio com os aparelhamentos da modernidade. Paradoxalmente, os seus maiores defensores eram os mesmo que denunciavam suas ineficiências, e em 1935, ao ritmo da canção *Cidade Maravilhosa* ironicamente vulgarizavam:

*“Florianópolis, cidade maravilhosa
que a ninguém seduz,
de dia nela tem água
de noite não tem luz”*¹⁰⁵

Mesmo que o sofrível desempenho na vida cotidiana de alguns produtos e serviços diluísse momentaneamente o entusiasmo do discurso modernizador, eles continuavam a pedir durante os anos 30, a aceleração das transformações, tornando certos equipamentos uma necessidade cotidiana, como o telefone, visto que “Nas grandes lutas que se desdobram no campo da atividade social ou comercial, o espírito moderno e bem equilibrado utiliza o telefone”¹⁰⁶. Mas, devido aos fracassos no relativos a sua eficiência, ia transcorrendo cheio de atropelos o cotidiano daqueles que buscavam desfrutar do convívio com estes supostos benefícios: “Temos recebido constantemente reclamações sobre o péssimo serviço telefônico de Florianópolis. Os aparelhos vivem escangalhando e pedir-se uma ligação é ato tão heróico

¹⁰³A cidade. Jornal A GAZETA, 04/01/1935.

¹⁰⁴O depoimento de Dona Alice, nascida em 1910 na localidade Rationes, exemplifica o modo de vida mais ligado ao ritmo da natureza que envolvia estas populações distanciaras do restrito centro da cidade de Florianópolis, de acordo com suas memórias “Em Rationes nosso alimento vinha quase todo da lavoura, dependíamos muito pouco da cidade, o que precisávamos comprávamos na vendinha de Rationes que ficava perto da minha escola. Nós tínhamos ovos, farinha, açúcar mascavo em abundância. Aparelhos elétricos nem sonhar, a luz só foi ligada ali na Praia Comprida em Santo Antônio em 1960 ou 1961, era aquela luzinha de querosene, lampião era a maior dificuldade da vida”. Entrevista concedida à autora por Dona Alice, na cidade de Florianópolis, em 09/01/1997. Sobre isto, ver também: THOMPSON, E. P. O tempo, a disciplina do trabalho e o capitalismo industrial. In: SILVA, Tadeu T. Trabalho, educação. Porto Alegre: Artes médicas, 1991.

¹⁰⁵A Cidade. Jornal A GAZETA, 04/06/1935.

¹⁰⁶Jornal A GAZETA, 07/01/1936.

quanto sem a balsa atravessar a nado, em dia de vento sul, do Miramar ao Cambirela”¹⁰⁷.

Além do telefone, a eletricidade foi um produto também envolvido em problemas. Não faltaram críticas às péssimas condições do fornecimento de tão imprescindível produto, já que de acordo com as notícias a empresa encarregada do mesmo não conseguia atender a demanda da população. Então, ao invés da tão almejada luminosidade, continuava “... a nossa terra mergulhada quase em completa treva. A cidade à noite, ou melhor noite alta, apresenta um aspecto soturno funéreo”¹⁰⁸. Trajano Margarida não deixou de lado a oportunidade, e moldou em tom menos grave uma interpretação do que se passava:

*“Comentando o aniversário
Da nossa Empresa de Luz,
Que apesar de bem mocinha,
Não tem força e nem produz.*

*Disse um garçom ao gerente,
Que o comentário fazia:
- Já notou que a pobrezinha
Vai morrendo dia-a-dia?... ”¹⁰⁹*

São interpretações quanto ao desempenho de certos serviços urbanos, como o caso da luz que mostram um Trajano Margarida em nada deslumbrado nem tampouco defensor da perfectibilidade do novo. Se estas pistas são insuficientes para afirmar que nosso autor se situava numa espécie de contra - corrente da modernidade, elas contudo demonstram que o mesmo soava como uma voz contrária às de outros letrados da cidade. É fato que Trajano engrossava o coro de tais vozes quando criticava as falhas do processo modernizador, porém é flagrante a diferença de perspectivas: O poeta constatava, numa espécie de lamento conformista e irônico, as ineficiências do processo. A modernidade para o poeta era despojada de utopia, enquanto o vozerio dominante que recheava as páginas dos jornais deixava a entender que os eventuais fracassos - teoricamente inconcebíveis - só poderiam ocorrer se o processo de modernização, e as mudanças que este trazia consigo, não fosse seguido à risca. Nestas falhas da cidade em seguir tal receituário é que estavam os absurdos denunciados pelos jornais:

“... Não sabemos, é certo, se a prefeitura, nos seus atuais trabalhos de reforma, está obedecendo a um determinado projeto de construções. Fato é, porém, que o que se vai fazendo não corresponde, de maneira segura, as imposições mais urgentes do progresso urbano ”¹¹⁰.

Ao percorrer ambientes onde conviviam complicadamente a velha e a nova cidade,

¹⁰⁷Com a telefônica. Jornal O ESTADO, 24/03/1930.

¹⁰⁸A falta de luz. Jornal O ESTADO.

¹⁰⁹Três Por Dia. Jornal A GAZETA, 28/09/1935.

¹¹⁰Calçamento das ruas. Jornal O ESTADO, 08/03/1935.

Trajano Margarida notava a tensão entre o que permanecia, o que se transformava e o que desaparecia no âmbito público. Em certas ocasiões o poeta se mostrava incomodado com algumas novidades urbanas, especialmente quando estas substituíam aparatos com as quais ele convivia desde há muito. Uma ocorrência reveladora deste incômodo foi o desfecho tragicômico dos “bondinhos, estes infelizes bondinhos, que tem a sua velhice amargurada pela gana dos poderosos e a existência condenada pelos rigores exigentes do progresso...”¹¹¹. A nota carregada de dramaticidade já prenunciava em 1932 a desativação deste meio de locomoção coletiva, que circulou pela primeira vez na cidade em 1880. O epílogo deste drama urbano ocorreu quando em 1934 alunos do Ginásio Catarinense atiraram o bondinho dentro d’água, em protesto à sujeira deixada nas ruas pelos animais. A ocasião, difícil de ser localizada nos jornais, encontrou espaço na memória, e é lembrada da seguinte maneira:

“Quando moramos pelo centro a gente usava o bondinho, o preço da passagem equivalia a metade da passagem de ônibus. O pessoal reclamava dos bondes por que batiam muito. Acho que jogaram os burros n’água não sei. Depois, quando acabaram com o bondinho nós passamos a usar ônibus, sempre ônibus”¹¹².

Apesar do evento ter ocorrido já há várias décadas, uma certa nostalgia aparece na narrativa dos detalhes, como a impressão de um convívio interrompido abruptamente sem possibilidades de intervenção, quando eles, os outros, “acabaram com o bondinho”. O sumiço dava fim a uma referência cotidiana e trazia consigo a falta de opções, “ônibus, sempre ônibus”. Vale a pena atentar para o tom subjacente à estas palavras, pois o mesmo tem uma notória semelhança com o modo pelo qual Trajano Margarida se referiu ao incidente. Às vésperas de completar um ano do ocorrido ele publicou em três dias consecutivos versos que mencionam a situação:

*“A gente embora não queira
Com tristeza e com pesar
Tem certas coisas na vida
Que não se pode olvidar.*

*Ontem vendo a Limitada
Com seus ônibus velhinhos
A quebrarem todo o dia
Nos buracos do caminho.*

*Lembrei-me que a vinte e cinco
Lembrei-me mesmo sem mágoa
Faz um ano que botaram
O bondinho dentro d’água”¹¹³.*

¹¹¹Jornal A PÁTRIA, 27/01/1932.

¹¹²Entrevista concedida à autora por Dona Hilda, em Florianópolis, em 09/12/1996.

¹¹³Três Por Dia. Jornal A GAZETA. 23/09/1935.

Trajano Margarida apregoava nestes devaneios poéticos o desconforto que nutria com o destino do bondinho. E a sofrível atuação do serviço de ônibus, noticiada pelas páginas dos jornais desde 1930, parece acrescentar ao verso uma sutil pitada de ironia. E, de fato, segundo estas críticas tais veículos contrariavam o ideário de praticidade já que eram “uns calhambeques, sem horário, sem higiene, desmantelados e que andam a cair aos pedaços, no seu vai-e-vem da Praça XV de Novembro à Estação Agronômica”¹¹⁴. Continuando a comentar a referida circunstância, no dia seguinte *Três Por Dia* adiantava que:

*“Na folhinha de amanhã,
Naquela parte de história,
Iremos ler qualquer coisa
Que nos há de encher de glória.*

*Assim é que, logo após,
O 25 do dia
Vamos ler e sem tristeza,
Ler com bastante alegria.*

*Este famoso terceto
- Apenas completa um ano,
- Que sepultaram na praia
- A Dona Carris urbano”¹¹⁵.*

O lugar do bondinho, enfim, não era mais as ruas da cidade, mas sim como particularidade individual de uma memória coletiva. Portanto, apesar dos muitos pesares de Trajano Margarida e quem sabe de tantos outros indivíduos que não tiveram registrada sua opinião, e que eram acostumados a conviver com este meio de transporte, o bondinho já era passado, somente mais um fragmento da memória da cidade. Num flagrante suspiro de contrariedade, o poeta finaliza a tríade de versos sobre o bondinho assinalando:

*“Comemorando a passagem
Do primeiro aniversário
Do pobre bonde de burro
Que teve enfim seu Calvário.*

*Houve missa concorrida,
Flores, músicas, louvores,
Tinha paisanos, soldados,
Mulheres e até doutores.*

*Apesar disso, o bondinho,
Apesar de todo o luto,
Lá está jogado na praia
- Abandonado, insepulto”¹¹⁶.*

¹¹⁴Jornal FOLHA NOVA, 08/09/1930.

¹¹⁵Três Por Dia. Jornal A GAZETA, 24/09/1935.

¹¹⁶Três Por Dia. Jornal A GAZETA, 25/09/1935.



Figura 11: Ônibus em frente ao hotel La Porta, anos 50

Trajano Margarida usou sua literatura para revelar, além do que julgava ser questionável na triste sina do bondinho, diferentes opiniões acerca dos aparatos urbanos no que se refere a sua implementação, utilização ou seu fim. Neste sentido pode-se até mesmo reavaliar o comentário do historiador Oswaldo Rodrigues Cabral, quando este, ao focar o bondinho, atribui o seu ocaso a um anseio coletivo: “... Quando muitos anos passados, o povo os odiou, como símbolos do seu atraso, os bondes foram jogados à praia”¹¹⁷.

¹¹⁷CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *Nossa senhora do Desterro*: Notícia. Florianópolis: Oficinas gráficas da Imprensa da Universidade Federal de Santa Catarina, 1971. p.159.



Figura 12: Mercado Público

O que os versos deixaram por fim registrado foi o recado amargo de que diante da inevitabilidade de certas transformações, subsistiria no âmbito da memória protestos em forma de melancólica lembrança daquele tempo em que “a cidade era bonita, muito bucólica, no cais lá da Avenida Beira Mar a água vinha e batia nos pés da gente”¹¹⁸.

¹¹⁸Entrevista concedida à autora por Dona Hilda, em Florianópolis, em 09/12/1996.

3.3 O “carro blindado”

“Não aconteceu nada, a revolução era só de falatório,
Felizmente neste país não houve luta fratricida,
Revolução só de conversa”.

(Senhor Odinaldo).

Como era presumível, as questões políticas tinham frequência garantida em boa parte das linhas de *Três Por Dia*, porém abordando a política como apenas mais um componente da vida urbana, como fonte de assunto nas esquinas. Especulando sobre os temas que eram debatidos pelos locais de encontro, Trajano Margarida deixou poucas pistas sobre as suas inclinações ou partidarismos políticos. O que se apurou, na quase totalidade dos versos observados, foi uma atmosfera de desânimo com os ares nebulosos da política nos anos 30. Trajano notadamente mudara de perspectiva em relação à década anterior, quando chegou a publicar escritos nos quais enaltecia a pátria e figuras de relevo na administração local, escrevendo sobre isto dois livros.

O primeiro, intitulado *A pátria e o sorteado*¹¹⁹, conta a história de um jovem, convocado contra sua vontade para compor os contingentes que iam lutar na guerra do Paraguai. Tomado pela saudade de casa e das paisagens do sertão, o desafortunado não para de maldizer sua sina e o país que lhe causou tamanho infortúnio. Suas lamúrias chegam ao fim após uma palestra com um oficial que lhe mostra em tom cerimonioso as grandezas do Brasil, e o privilégio de poder estar no *front* como seu representante.

Um outro livreto, cujo título *Minha Terra*¹²⁰ já insinua o seu conteúdo, foi publicado em 1926, no ritmo da inauguração da ponte Hercílio Luz. Nele Trajano elenca de forma poética aspectos da geografia e nomes do mundo letrado catarinense, como os de Cruz e Sousa, Virgílio Várzea, Araújo Figueiredo e da poetisa Delminda Silveira. Figuras também expoentes da política como Lauro Muller e Hercílio Luz. Estes, segundo o caráter da obra, seriam ilustrativos das potencialidades naturais, artísticas e administrativas do Estado.

Mas, reacendendo os comentários que ele formulou acerca dos caminhos e descaminhos delineados pelo universo político, nota-se que durante os anos 30 Trajano já nutria diferentes expectativas com relação as possibilidades de transformação que poderiam

¹¹⁹MARGARIDA, Trajano. *A Pátria e o sorteado*. Florianópolis: Oficinas Gráficas d’ A PHENIX, s/d.

¹²⁰MARGARIDA, Trajano. *Minha Terra*. Typografia Schuldt, 1926.

surgir dos homens públicos. O poeta retirava deste contexto subsídios a formulação de pungentes interpretações, onde denunciava práticas que já pareciam ser lugar comum na trajetória do homem público brasileiro:

*“Enquanto a Itália e a Abissínia
Invadem mares e terras,
Todo mundo ameaçando,
Com horrores de mil guerras.*

*Na terra dos ‘casos raros’
(Não é que eu queira falar)
Dão-se coisas que admiram
Que nos fazem arrepiar.*

*Pois os nossos Deputados
Num gesto que julgam justo
Pleiteiam calmos, ditosos,
- Mais uma Ajuda de Custo”¹²¹.*

Trajano Margarida, na vaga do seu desânimo, não buscava palavras muito solenes quando se referia aos eventos de 1930. Ao contrário, o cronista revela em versos ferinos de que modo, passados cinco anos, esta permanecera na memória. E nestas linhas que mostram impressões de segmentos da população que estavam à margem das decisões políticas, mas nem por isso deixavam de perceber detalhes curiosos das novidades vindas com a Revolução:

*“A gente embora queira
Mesmo com ou sem prazer,
Há coisas que já passadas,
Nunca se as pode esquecer.*

*Lendo o jornal ‘A Cidade’
Do Montenegro Oliveira
Lembrei-me sem desejar
E mesmo sem brincadeira.*

*Da Revolução de Outubro
E do povo admirado,
Ante às célebres façanhas
Do tal CARRO BLINDADO”¹²².*

A imagem é curiosa, um carro blindado fazendo evoluções pelas ruas da “pitoresca buracolândia”¹²³, as mesmas por onde trafegavam despreocupados carros de boi e bondinhos puxados a burro e onde o caminhante despreocupado poderia encontrar pastando “pachorrentos cavalos esqueléticos”¹²⁴. Presume-se que a curiosidade deve ter suplantado possíveis temores e levado alguns indivíduos, a quem Trajano Margarida chamou de “o povo

¹²¹Três Por Dia. A GAZETA, 04/10/1935.

¹²²Três Por Dia. Jornal A GAZETA, 09/09/1935.

¹²³Florianópolis, pitoresca buracolândia. Jornal A PÁTRIA, 23/06/1933.

¹²⁴Jornal A GAZETA, 14/04/1935.

admirado”, a observarem de perto o que hoje seria visto como uma geringonça, mas que para a época era a materialização das conquistas tecnológicas da modernidade.

A relação da cidade com os acontecimentos de 1930, é mostrada nos jornais, para além das provocações de *Três Por Dia* Outras referências interessantes informavam que tendo em vista que ao sopraem os primeiros ventos revolucionários, ainda havia quem duvidasse que “... pelo indeferimento do povo...”¹²⁵ esta viesse a ocorrer, pois, continua a fala, “Certeza temos de que tudo isso não passa de fita, de nervosismo ou de algum interesse oculto, pois ninguém poderá jamais crer em revoluções, num país como o nosso...”¹²⁶.

Outros depoimentos confirmam que o dia-a-dia florianopolitano não esteve imune ao espectro deste evento nacional, uma vez que “durante a Revolução de 1930 o pessoal dizia que os que vinham caminhando lá do Rio Grande do Sul, iam acabar com tudo, até as formaturas foram canceladas. Muita gente que vivia no centro da cidade foi para o sítio, na nossa rua somente a minha família permaneceu”¹²⁷. A política adentrava por esta via na esfera do cotidiano, uma vez que regulava e impunha limites aos desdobramentos do dia-a-dia.

Quando, ao correr do tempo, as mudanças estruturais prometidas para a sociedade brasileira pela propaganda vitoriosa não tomaram ares de realização, não houve grande espanto pelos jornais da cidade, pois “A Revolução não melhorou o panorama, apesar das esperanças que foram nelas depositadas”¹²⁸. Contudo, apesar da naturalidade do comentário, fica notório, que o descrédito já fazia parte da opinião de alguns grupos que circulavam pela sociedade florianopolitana.

No verso abaixo a impressão de Trajano Margarida a respeito das ocorrências políticas de 1930 se assemelham a de outros desiludidos, que tiveram suas opiniões registradas pelos jornais da capital:

*“Cinco anos completam hoje,
Não sou eu que os descubro
Da vitória inesperada,
Dos da arrancada de Outubro.*

*Cinco anos que a nossa terra,
Como quem vê procissão,
Viu passar a gauchada
Aos montes, em confusão.*

¹²⁵Rumores. Jornal FOLHA NOVA, 02/08/1930.

¹²⁶As idéias subjacentes a estas palavras foram analisadas em *Raízes do Brasil*, publicado pela primeira vez em 1936, onde o autor atribui às próprias instituições políticas a criação do estereótipo do povo branco. Por conta disto acentuara-se a cisão entre a vida social e política. Na mesma obra o autor formulou uma crítica endereçada a carga emblemática que atribuíra-se aos eventos de 1930, dizendo que a troca dos figurantes da cena política não é suficiente para alterar a estrutura política e social. HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

¹²⁷Entrevista concedida à autora por Dona Hilda, em Florianópolis, em 09/12/1996.

¹²⁸A Revolução não melhorou o panorama. Jornal O ESTADO, 21/02/1935.

*E, viu também meio triste,
Como eu vi, encabulado,
Milhares de decaídos
Usando lenço encarnado”¹²⁹.*

Observando com pesar a situação, o poeta verseja ironicamente sobre os mandos e desmandos políticos do grupo vencedor em trinta. Trajano Margarida seria deste espetáculo apenas um mero coadjuvante se ele não fizesse do espaço literário que possuía nos jornais uma *válvula de escape* para suas críticas, onde desferia alfinetadas nas pantomimas de indivíduos que indiferentes às ideologias antes apregoadas, agregam-se a procissão dos que estavam agora no comando político da situação.

Diante destas opiniões políticas dos anos 30, sê que estava longínquo o otimismo dos pontos de vista dos anos 20. Em pleno verão de 1936, entre as raras aparições de Três Por Dia, consta excepcionalmente na capa do jornal *A Gazeta*, não se sabe se propositadamente ou por mero acaso, o seguinte verso:

*“Faz a imprensa comentários
De grande admiração
Pelo fato de um ministro
Andar puxando um cordão.*

*Nada vejo que admire
Nem mesmo que faça mal,
Pois são coisas passageiras
Dos dias de carnaval.*

*Por isso, o nosso Ministro
Não deve ser censurado,
No Brasil é mesmo assim,
- Tudo é falso – mascarado”¹³⁰.*

Trajano Margarida não demonstrou nestas linhas nenhuma surpresa diante da conduta do tal ministro, sugerindo que tal prática era corriqueira e que dava fundamentos aos comentários do poeta. E, como quem prenuncia tempos mais difíceis, as suas insinuações sobre o contexto político ganham ares mais sombrios e se acentuam, a partir do desfecho de um episódio ocorrido ao final de 1935, quando um seu conhecido:

*“... Ontem lendo na Gazeta
Da revolta a triste sorte,
Pôs-se a chorar por saber
Da lei da pena de morte”¹³¹.*

Se de urna perspectiva atual é difícil precisar o alcance de protestos como os que

¹²⁹Três Por Dia. Jornal A GAZETA, 24/10/1935.

¹³⁰Três Por Dia. Jornal A GAZETA, 29/02/1936.

¹³¹Três Por Dia. Jornal A GAZETA, 07/12/1935.

Trajano Margarida anotou em *Três Por Dia* no âmbito da sociedade local, todavia é importante salientar que os mesmos vêm à tona em um momento extremamente tenso desta década. E, após a decretação do Estado-Novo (1937), a censura fez com que a crítica silenciasse, impondo limites severos afinal “Prisões são efetuadas á menor suspeita e as denúncias são acolhidas sem nenhuma averiguação”¹³².

Mas, estas tímidas cutucadas no *status quo* por meio de versos satíricos mostra que houve uma literatura de cunho publicamente contestador nos anos 30, que revelava um pouco das pressões sociais que recaíam sobre o segmento da população que Trajano Margarida era integrante. Talvez em virtude disto, as despreziosas rimas de *Três Por Dia* tenham sofrido de um sugestivo recolhimento. Tanto que entre este e o ano de 1938, nenhuma apareceu nos jornais consultados. Quando as mesmas retomam em 1939, não há então mais nenhuma referência direta ao governo ou a homens públicos. O poeta enfim pareceu render-se ao momento e ao desencanto.

¹³²DUTRA, Eliana Regina de Freitas. O fantasma do outro: espectros totalitários da cena política brasileira dos anos 30. São Paulo: Revista Brasileira de História, v. 12, n. 23/24, p. 127.

4 O POETA DO OLIVEIRA BELLO

4.1 À margem das letras

*“As vezes de esfuziote, sentado num dos bancos do nosso ‘Oliveira Bello’
escrevia sonetos que sem o mínimo retoque,
mandava publicar às redações dos diários da terra.
E, tais versos eram assim publicados”.*

(Revista Anuário Catarinense, 1950)

Em 1925 Trajano Margarida compôs um poema dedicado ao poeta Cruz e Sousa. A publicação do verso coincide com a inauguração de um monumento ao “Cisne Negro”¹³³ na Praça XV de Novembro, tendo circulado através da Revista Literária do Centro Catarinense de Letras. De maneira bem notória, ele manifesta a sua opinião acerca de tal homenagem, que, no seu entender, era incongruente com o tratamento que Cruz e Sousa havia recebido enquanto vivo. E, segundo as linhas acusatórias do autor, a honraria era proveniente do mesmo segmento de indivíduos que assistiu indiferente a sua morte, em completa penúria material, há passados vinte e cinco anos. Diz o verso:

*“Se, talvez do bronze, o espírito falasse
E tudo nos contasse em voz bem clara e forte,
Talvez que Cruz e Sousa agora nos mostrasse,
Um por um, os cruéis que lhe deram a morte.*

*Talvez que, ante a grandeza ideal do monumento
Que erigem como prêmio à sua inteligência,
Fugisse envergonhado, ao receber o alento
Dos que sorriram sempre ao vê-lo na indigência.*

*Talvez agradecesse a vil ostentação,
Espelho e refletor da negra hipocrisia
Dos que lhe deram pedra e não lhe deram pão.*

*Se o espírito que, acabrunhado chora,
Pudesse vir a falar, bem alto então diria:
Hipócritas! É tarde! É muito tarde agora”¹³⁴.*

¹³³“Florianópolis e seu cisne negro”, título de um livreto publicado pela ELETROSUL em 1987 em homenagem ao poeta Cruz e Sousa.

¹³⁴Revista do Centro Catarinense de Letras. n. 1, maio de 1925. Apud BERTOLINO, Pedro. Viagens com Maura. Ensaio de esboço biográfico em Maura de Sena Pereira. Florianópolis: Edições Academia Catarinense de Letras, 1993. p. 64.

Para compreender o tom de protesto que Trajano Margarida imprimiu ao soneto acima e também o seu suposto endereçamento, é necessário trazer à baila aspectos que rondavam o panorama da produção literária em Florianópolis. Entretanto, há que recuar no recorte temporal aqui proposto e visitar os primeiros anos da década de vinte, para assim poder analisar e “reconstituir” o lugar da personagem e da sua literatura, no decênio subsequente. Foi nestes anos que se deu uma polarização dos literatos da cidade em dois grupos principais, contando num de seus extremos com autores ligados às elites intelectuais e políticas da cidade, que em 1920 instituíram a Sociedade Catarinense de Letras, que se transformou em 1924 na Academia Catarinense de Letras.

A fundação desta, por sua vez, não representava somente um agrupamento de indivíduos com as mesmas afinidades estético literárias, pois o surgimento da instituição demarcava um território que fixava definitivamente no panorama das letras catarinenses nomes e obras. De fato, mais nomes do que obras. Fazer parte do *staff* desta agremiação não implicava em ser autor de textos literários ou científicos, como ilustra o exemplo dado por um membro da Academia, ao se referir à condição do filho do governador Hercílio Luz – “Um dos personagens mais curiosos da literatura catarinense é Alfredo Luz. Nunca escreveu. Nem mesmo cartas”¹³⁵. Dava-se assim, continuidade a uma antiga parceria formada pelos interesses políticos e as letras, dueto que fez nascer e perdurar outras instituições como o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, fundado em 1896 também sob os auspícios de políticos da terra.

Todavia, na luta pela obtenção de um lugar destacado na paisagem cultural da cidade, a chamada *geração da academia* se empenhou em proclamar-se herdeira de literatos que foram exponenciais nas letras locais ao final do século XIX, Virgílio Várzea e Cruz e Sousa. Desta imaginária relação de continuidade ainda se encontram ecos, tendo em vista que em tempos recentes uma coleção intitulada *Resgate*, publicada pela Fundação Catarinense de Cultura, inicia com um volume dedicado ao poeta Luis Delfino, que na opinião de Oswaldo Rodrigues Cabral “Nunca pertenceu às igrejinhas literárias do Desterro nem de qualquer outro lugar”¹³⁶, e segue contemplando Cruz e Sousa e Virgílio Várzea - todos que coincidentemente ou não, obtiveram alcance nacional. Na sua seqüência, a mesma coleção inclui nomes da primeira geração da academia, como por exemplo, Othon D’Eça que, segundo alguns, “Foi a

¹³⁵PÍTSICA, Pascoal Apóstolo. Numa Fonte Cristalina: passagens de patronos e acadêmicos da Academia Catarinense de Letras. Florianópolis: Papa Livro, 1993.

¹³⁶CABRAL, Oswaldo Rodrigues. Nossa Senhora do Desterro. Memória I. Florianópolis: Oficinas Gráficas da Imprensa Universitária. 1972. p. 133.

mais curiosa figura da geração literária que sucedeu a Virgílio Várzea e Cruz e Sousa”¹³⁷.

Mas, reivindicar uma afinidade com Cruz e Sousa era explicitamente incoerente com a fala de um dos principais destaques da Academia Catarinense de Letras, Altino Flores, que em 1916, ao se referir ao poeta, professava “Cruz e Sousa não podia ser um grande poeta, ou antes, um grande sonetista, se procedia, como ele amarguradamente confessa - de uma raça que a ditadora ciência de hipóteses negou em absoluto para as funções do entendimento, e, principalmente, do entendimento artístico da escrita”¹³⁸. O comentário, que desprestigia a obra do mais conhecido e destacado poeta catarinense, exhibe uma contradição do seu autor, uma vez que em 1925 estava presente à cerimônia de inauguração do bronze em sua memória.

Mesmo que não comungando com as escolhas literárias, especialmente do simbolismo de Cruz e Sousa, apropriar-se da herança ou do prestígio deixado por estes autores, que já haviam conseguido certa notoriedade na capital federal, fazia parte de um esforço para legitimar uma literatura que pretendia estar ligada a valores universalistas. Valores notados não apenas na produção literária, esta era apenas um dos seus reflexos, mas que foram também o principal esteio ideológico das reformas urbanísticas, administrativas e sanitárias impetradas pelas camadas mais abastadas da cidade neste primeiro quartel do século, buscando a superação daquilo que julgavam ser a condição provinciana da capital.

Forjada sobre a imagem e semelhança da sua correspondente nacional, a Academia procurava se definir como uma espécie de reduto da cultura letrada instituída no Estado, e desta forma, também assistiu impassível ao movimento modernista de 1922¹³⁹. O desinteresse que o evento paulista causava localmente, pois a Academia se mantinha “Alheia a qualquer ordem de vanguarda...”¹⁴⁰, e que era aparentemente incongruente com pretensões cosmopolitas, revelava interesses outros face ao engajamento nos movimentos da vanguarda literária do país. De acordo com autores que analisaram a trajetória desta instituição, ignorar idéias modernistas era uma opção que se harmonizava com as pretensões dos idealizadores

¹³⁷Folheto publicado pela Fundação Catarinense de Cultura e Fundação Banco do Brasil, 1992.

¹³⁸Jornal O DIA, 1916. Apud ARAUJO, Hermetes Reis de. A invenção do litoral: reformas urbanas e reajustamento social na Primeira República. São Paulo: PUC, 1989. Dissertação de Mestrado. p.p. 146-147.

¹³⁹Existem opiniões diferenciadas sobre a inexpressividade da influência da Semana de 1922 no estado. Autores como Celestino Sachet defendem a tese de que o movimento penetrou no estado mas encontrou nos intelectuais locais resistência as suas idéias. Já, Lina Leal Sabino atribui o desinteresse a própria distância geográfica com os centros maiores, especialmente com São Paulo, o que acabou por manter o grupo local fora do alcance do evento. Esta análise está em: PEREIRA, Valdézia. A poesia modernista catarinense na década de 40 e 50. Florianópolis: Editora da UFSC, 1998. p. 18.

¹⁴⁰PEREIRA, Valdézia. A poesia modernista catarinense na década de 40 e 50. Florianópolis: Editora da UFSC, 1998.

desta agremiação, entre eles os já citados Altino Flores e Othon D’Eça¹⁴¹. Ironicamente, em sua rigidez, a parcela letrada florianopolitana entrava em total descompasso com as inclinações e motivações estético artísticas que tomavam corpo na intelectualidade brasileira. Este descompasso, na década de 30, bem poderia dar ensejo a um hipotético recém chegado, vindo dos grandes centros do país, de imputar à elite local o adjetivo que esta tentava evitar à cidade como um todo: atrasada.

Auto promovendo-se percussores de uma estética literária condicionada a um certo purismo na língua, que, no entender destes autores, não possuía muitos expoentes entre os escritores e poetas da cidade, estes acadêmicos criticavam severamente as produções locais que com ele se desalinham. Para entender os sentidos destas críticas é importante avaliar certas opiniões a respeito, por exemplo, das manifestações poéticas registradas por Altino Flores ao comentar os versos do poeta negro Idelfonso Juvenal¹⁴² que “Desconhecendo a técnica do verso e as leis sintáticas que condicionam a integridade estrutural do período na prosa portuguesa, não pode por isso, até hoje, fazer coisa que prestasse”¹⁴³.

As considerações expressam evidente desagrado diante da poesia de Idelfonso Juvenal, menos pela sua falta de talento ou inspiração, que pelo que acreditava ser a sua formação canhesta na tradição ortográfica da língua portuguesa. Em outras opiniões, igualmente proferidas em linhas mordazes que ganharam os jornais e revistas da época¹⁴⁴, é possível

¹⁴¹Ver sobre o papel da Academia Catarinense de Letras neste primeiros cinquenta anos do século XX os seguintes autores: CORREIA, Carlos Humberto P. História da Cultura Catarinense: o estado e as idéias. Florianópolis: Editora da UFSC / Co-edição Diário Catarinense, 1997. PEREIRA, Valdézia. A poesia modernista catarinense na década de 40 e 50. Florianópolis: Editora da UFSC, 1998.

¹⁴²Em seu livro sobre a literatura catarinense Celestino Sachet apresenta uma referência sobre este poeta feita por Roger Bastide, que diz o seguinte “Admirei com especial agrado a profundez e a beleza dos sentimentos que manifesta em os seus dramas, plenos de puro patriotismo, tão dedicados a tradição patriarcal da família, e enfim, de generosidade pelos humildes e pelos infelizes. Estou plenamente com o autor nesse apostolado literário por um mais íntimo entendimento entre classes burguesa e proletária”. SACHET, Celestino. História da Literatura Catarinense. Editora Lunardelli, 1985. p.43. Há ainda um curto ensaio de Walter Piazza que revela uma polêmica entre este e o historiador Oswaldo Rodrigues Cabral a respeito de uma publicação de Idelfonso sobre os limites com o Paraná no ano de 1954. PIAZZA, Walter F. O jornalista Idelfonso Juvenal. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. Fase 3, n. 13, 1994, p.55.

¹⁴³Revista Terra. Florianópolis, ano 1, n. 17, 24 out. 1920. p. 7. Apud CORREIA, Carlos Humberto P. História da Cultura Catarinense: o estado e as idéias. Florianópolis: Editora da UFSC / Co-edição Diário Catarinense. 1997. p. 167.

¹⁴⁴Othon D’Eça, que viria, nos idos de 1930 a ser o chefe estadual do partido Integralista achava que a poesia em Santa Catarina era “um amontoado de chatices ignobilmente rimadas”. Este comentário publicado na revista literária *Terra* em 1920, desqualificava de imediato outros autores que publicavam nos jornais e revistas como o próprio Trajano Margarida, Delminda Silveira, Nagib Nahas, Otaviano Ramos, Ogê Manneback, Juvenal Melquiades, Idelfonso Juvenal, entre outros. Na seqüência da nota assinala Othon D’Eça: “Porque, verdade seja dita, nós atravessamos uma época de intensa penúria poética! Andamos nus, em poesia, quase devorados de fome e ressequidos de sede. Atualmente, em rimas, Santa Catarina faz doer o coração mais duro. Apenas Araújo Figueiredo e João Crespo vibram de, quando em quando, a grande lira de Apolo, dando-nos esses versos que nos toam n’alma como um consolo e uma remissão. Mas Araújo e Crespo são apenas dois poetas e numa população de mais de quatrocentos mil crânios, que sorte terão duas únicas liras a vibrar?” A nota de Othon D’Eça foi o estopim de uma prolongada discussão que teve como tribuna os jornais da cidade tendo no outro extremo da

perceber uma fração das idéias que compunham o projeto da Academia. Ao romper da década de vinte, estas idéias ainda careciam de contornos mais precisos, mas já mostravam em discretos vislumbres sua face excludente e intolerante, pelo menos no que se relaciona a pluralidade das manifestações literárias.

Contudo, a tentativa em estabelecer uma única identidade para a literatura produzida em Florianópolis encontrou resistências. Parte desta resistência manifestou-se em janeiro de 1925, no salão da União Beneficente Operária, quando se criou o Centro Catarinense de Letras, reunindo alguns dos escritores que haviam sido excluídos pela Academia. A proposta sustentada por esta agremiação era de não se restringir a “preconceitos nem de ordem estética nem racial, nem social”¹⁴⁵. O editorial do primeiro número da revista publicada pelo Centro alardeava que esta seria o “órgão de contato com o povo, e espera, por meio dele, merecer - será possível? - ainda um acréscimo á simpatia e proteção, com o que têm bafejado até aqui todas as camadas do meio conterrâneo”¹⁴⁶.

O Centro procurava se afirmar como um ambiente diferenciado da Academia proclamando-se mais popular, onde, conforme seus mentores inexistiam obstáculos como a cor da pele e a pobreza material. Mas, apesar de se constatarem estas diferenças na ordem do discurso, entre ambas as instituições haviam semelhanças como por exemplo a dependência do patronato político¹⁴⁷. A frequência, porém, de escritores negros, como Antonieta de Barros, Idelfonso Juvenal e também o poeta Trajano Margarida, mulato, pobre e neto de uma ex-escrava, ajudava a construir a imagem do Centro como espaço mais diversificado.

E apesar da sua efêmera existência, tendo findado já em 1926 em virtude de discordâncias internas, o Centro foi uma opção institucional à Academia. Ao desempenhar naquele contexto este papel fundamental, mostrou que havia dentro do mundo letrado outras idéias em ebulição, e não apenas aquelas amalgamadas ao projeto cultural e político das elites locais. Mas, talvez por este fim prematuro, pouco se conhece acerca das dificuldades de convivência entre os escritores da cidade e Centro figure na história literária daqueles anos como apenas mais um projeto inviabilizado. A sobrevivência hegemônica da Academia,

discussão Anfilóquio de Carvalho Gonçalves. Para maiores detalhes da polêmica ver: PÍTSICA, Pascoal Apóstolo. Numa Fonte Cristalina: passagens de patronos e acadêmicos da Academia Catarinense de Letras. Florianópolis: Papa-livro, 1993.

¹⁴⁵BERTOLINO, Pedro. *Viagens com Maura*. Ensaio de esboço biográfico em Maura de Sena Pereira. Florianópolis: Edições Academia Catarinense de Letras, 1993, p. 64.

¹⁴⁶BERTOLINO, op., cit. p. 64.

¹⁴⁷Consta que o Centro Catarinense de Letras recebeu o apoio financeiro do governador Antônio Pereira Oliveira, sucessor de Hercílio Luz, que não mantinha relações muito estreitas com os membros da Academia Catarinense de Letras. Constata-se de fato no primeiro número da revista do Centro, um editorial elogioso ao referido governador. Esta análise está apresentada em CORREIA, Carlos Humberto P. *História da Cultura Catarinense: o estado e as idéias*. Florianópolis: Editora da UFSC / Co-edição Diário Catarinense, 1997.

entretanto, é um dos aspectos que a faz reinar quase que absoluta nas análises sobre panorama das letras catarinenses dos anos 20.

Os percursos seguidos pelos autores que a ela não se encontravam afiliados foram diversos, participando de associações literárias que surgiam ocasionalmente, como, segundo Oswaldo Rodrigues Cabral, ocorria desde as primeiras manifestações literárias de Desterro, a exemplo do próprio Centro. Uns poucos adentraram as portas da Academia Catarinense de Letras. Outros, como Trajano Margarida, continuaram a publicar nos jornais e revistas da cidade, fazendo através do seu modo de escrever, uma espécie de resistência as pretensões totalizadoras da Academia, afirmando seu lugar no panorama das letras locais justamente sob aquilo que os acadêmicos mais criticavam, ou seja, uma escrita despreziosa, simples e sem compromissos com estilos:

*“... Nestes versinhos sem rima,
De linguagem pobre, ilhoa,
Nos quais tenho até agora,
Brincando com gente boa”¹⁴⁸.*

No verso acima como também naquele que dedicou a Cruz e Sousa, Trajano Margarida revela que tinha nítida sua oposição à maneira pela qual ele, e outros autores que não correspondiam ao estereótipo do acadêmico, eram considerados no ambiente intelectual que se pretendia instituir na cidade. O próprio poeta confessa, porém, o quanto esta situação lhe era incômoda:

*“Quem vive sob o peso atroz da luta ardente,
Das mil desilusões ferinas e maguantes
Quem vive sob o apôdo hostil de certa gente,
Ferido pelo ardor de línguas difamantes.*

*Quem vive como eu vivo, a me fingir contente,
Curtindo sem clamor, martírios cruciantes,
Sentindo na cabeça a pedra que vilmente
Ativa a mão da turba de intrigantes.*

*Não deve festejar o seu aniversário.
Jamais alguém há de ir com músicas e flores,
Cantando, a carregar a cruz ao seu Calvário.*

*Por isso a data de hoje, o dia dos meus anos,
Apenas é manhã que surge entre fulgores
De um ano de ilusões, de mágoa e desenganos”¹⁴⁹.*

¹⁴⁸Três Por Dia. Jornal A GAZETA, 08/03/1935.

¹⁴⁹Meus anos. Jornal. DIÁRIO DA TARDE, 16/01/1936.

4.2 O poeta do povo

“Festeja seu aniversário hoje o sr. Trajano Margarida, apreciado poeta conterrâneo, cujos versos inspirados lhe tem granjeado um grande número de admiradores, dos quais receberá, seguramente abundantes cumprimentos”.

(Diário da Tarde, 16/01/1936)

O método escolhido neste trabalho foi estudar a obra de Trajano Margarida buscando destacar o que esta continha de contestação social, pois o contato com os seus escritos e com seus dados biográficos mostraram que a relação de afinidade que ele compartilhava com as camadas pobres da população provinha da sua própria experiência de vida, repleta dos obstáculos que costumeiramente cercavam o viver dos extratos pauperizados da população de Florianópolis nos anos 30. Deste modo, chegou-se as noções fundamentais para demonstrar por quais motivos os seus poemas, as letras de músicas feitas para o Carnaval ou os versos de *Três Por Dia* eram reveladores de uma vida cotidiana distantes dos tradicionais retratos, que mais tenderam a racionalizar e abrandar muitas fronteiras, pois “a cidade é o palco onde elas se desenham e dão-se as lutas e fissuras que a atravessam”¹⁵⁰.

Sendo assim, ao percorrer os registros sobre o relacionamento entre os escritores de Florianópolis nos anos vinte, pode-se apurar que houve uma espécie de continuidade no que se refere a relação entre o circuito literário oficial, representado pela Academia Catarinense de Letras, e autores que como Trajano Margarida se mantiveram escrevendo na década de 30 em sentidos opostos ao grupo hegemônico.

Apontado em algumas referências pelo epíteto de *poeta do povo*, no cenário sócio/cultural se encontram as razões para este rótulo e os sentidos ambíguos que a ele se integram, relacionados ao próprio espaço literário que Trajano Margarida ocupava na cidade. Cidade esta que também mostrava rumos contraditórios e uma bem marcada extratificação social, onde um dos propósitos das camadas mais destacadas era que se estabelecessem práticas culturais moldadas num viver mais urbano e menos análogo àqueles típicos dos “moradores dos morros e dos subúrbios humildes”¹⁵¹.

Aliás, havia um certo desconforto da elite urbana diante da possibilidade de ser

¹⁵⁰SCHPUN, Mônica Raísa. Ratos mansos, cidades sem raízes. In: *Leituras Cruzadas* - diálogos da história com a literatura. Porto Alegre: Editora Universidade / UFRGS, 2000.

¹⁵¹Nós e o Sr. Gilberto Freire. *Jornal O ESTADO*, 13/03/1940.

mencionada ou comparada aos outros grupos de indivíduos, sem que lhe fosse garantida a demarcação das diferenças que julgava dever existir nestas comparações. Quanto a isto, tem-se uma ocorrência bastante reveladora a propósito da visita de Gilberto Freyre a Florianópolis, no início de 1940. Consta que nas observações formuladas sobre a sua passagem pela cidade, e que teriam sido publicadas em *O Jornal*¹⁵² do Rio de Janeiro em março do respectivo ano, Freyre fora “duramente injusto”¹⁵³ para com estes cidadãos ao não fazer as devidas distinções entre a grande maioria pobre da população e estes que se consideravam como membros da melhor estirpe da terra. E, no papel de porta-voz deste último grupo, restava ao jornalista responder irritadamente às supostas palavras do autor de Casa Grande e Senzala:

“... Não sei se o fez intencionalmente; mas o fato é que, rememorando uma procissão aqui realizada, disse que Florianópolis ‘exibiu uma população de aspecto impressionante: desnutrida, feia e doente’... Que ele escrevesse isso dos moradores dos mocambos do Recife... vá lá! Mas... de Florianópolis?! Que juízo terão de nós lá fora, os que lerem tais inexactidões?. Há todavia, pequena dose de verdade nessa precipitada e extempôanea referência do sr. Freire (sic). Todos nós sabemos, como ele também sabe, que os cortejos religiosos atraem enormes massas populares, representando na maior parte, as classes menos favorecidas. E, assim sendo, elas, dando cumprimento a promessas anteriormente feitas, na expectativa sempre, de conseguir dias de vida cada vez melhores, saem a acompanhar melancólica e silenciosamente esses préstitos, para os quais convergem os moradores dos morros e dos subúrbios humildes, que tem, por motivos inerentes ao seu modo de viver, uma apresentação diversa da dos verdadeiros cidadão...”¹⁵⁴.

Se de fato, Gilberto Freyre fez as conjecturas citadas na notícia, ele apenas limitava-se a reproduzir o que era lugar comum no receituário discursivo da época. Mas, suas análises, ao serem o estopim da resposta acima apresentada, permitiram indiretamente conhecer as estratégias adotadas para circunscrever os espaços de sociabilidade em Florianópolis, onde as prédicas sobre estes moradores que “saem a acompanhar melancólica e silenciosamente” as procissões religiosas vinham cheias de insinuações sobre seus hábitos e condutas, vistos em desacordo ao progresso e a superação das mazelas sociais.

No complexo território das manifestações culturais, percebia-se que, em termos artísticos, segmentos da intelectualidade local se mantinham mergulhados nas expressões européias do século XIX, indiferentes aos sopros vanguardistas que fruía das conquistas feitas por frações do meio artístico nacional a partir dos anos 20. No que julgavam ser o apelo legítimo e eterno da arte clássica, buscavam um ancoradouro diferenciado e longínquo do mundo popular, com suas sensibilidades e requebros corporais incompatíveis ao deleite espiritual proporcionado, por exemplo, pela sutileza do *ballet*:

¹⁵²Este jornal não foi encontrado.

¹⁵³Nós e o Sr. Gilberto Freyre. Jornal O ESTADO, 13/03/1940.

¹⁵⁴Idem.

“A dançarina russa Ada de Bogoslowa realizou, ontem, á noite, no Teatro Álvaro de Carvalho, o seu anunciado festival de danças clássicas e plásticas. Não discutimos se a platéia compreendeu ou gostou. Todos os números foram aplaudidos. Mesmo porque, quando pretendemos escrever sobre arte, não pedimos aos vizinhos, da esquerda ou da direita, a sua opinião. Clássico não é para toda gente, principalmente dança ou música. (...) Os críticos de arte aplaudiram-na. Se houve quem não gostasse da dança clássica fez mal em não ler o programa. Lá não se anunciaram nem sambas, nem tangos, nem maxixes, para dançar-se ao gosto de tanta gente, somente pelo roliço das ancas ou pelo escoado do ventre. Não é a dança creoula, que se verga e se reveza em compasso de lubricidade...”¹⁵⁵.

A notícia arquitetava-se sobre uma evidente oposição ante os diferentes modos de dançar, sendo que a acessibilidade do maxixe, do tango e do samba eram atributos que os reduziam perante a supremacia estética do *ballet*, que, segundo a estreiteza do comentário, era restrito a um público seletivo. A apreciação desta *arte maior* permitia às camadas abastadas da sociedade florianopolitana transpor as acanhadas fronteiras do viver local, incluindo-a num circuito de espetáculos nacionais e internacionais dirigidos a um público cultor das tendências eruditas, mesmo porque, celebrava o jornalista “Clássico não é para toda gente...”.

A *toda gente* que o jornalista menciona, e que tinha seus modos de divertimento vistos assim como superficiais, efêmeros e destituídos de sutileza, era a maior parte dos moradores da cidade. Para estes estava distante a possibilidade de apreciar ou tampouco produzir uma arte fundada no ideal da estética clássica. Em sua maioria analfabetos, ou possuindo apenas uma formação elementar nas escolas locais era impensável que conseguissem tal façanha¹⁵⁶. Mas, estes transportes a sentimentos artísticos universais foram também descritos em tom de galhofa pela pena observadora de Trajano:

*“Tenho um amigo que diz,
Ser da arte um dos bonzons,
E por isto só discute,
Sobre músicas e sons.*

*Conversando sobre óperas,
Entusiasmado dizia:
- Eu cheguei a decorar
Uma peça de harmonia.*

*Para prova, canto já
Um trecho e sem barulheira.
Pôs-se de pé e cantou
A popular jardineira”¹⁵⁷.*

O pensamento dos que buscavam uma arte que refletisse a precisão e racionalidade

¹⁵⁵Hora da Arte. Jornal. O ESTADO, 20/03/1935.

¹⁵⁶De acordo com o recenseamento Geral do Brasil (01/09/1940), a população entre 05 e 39 anos, perfazia um total de 30.204 indivíduos, e apenas 8.088 estavam recebendo instrução e deste total somente 7.025 já sabia ler e escrever.

¹⁵⁷Três Por Dia. Jornal DIA E NOITE, 28/02/1939.

que marcava presença nas idéias da época, foi expresso no entusiasmo de um jornalista, ao elogiar o programa escolhido para o recital da violinista Carmen Ivancko que se apresentaria na cidade em 1938, incluindo entre outros nomes de relevo como Mozart e Bach, obras do compositor russo Rimsky-Korsakov, que ganhara a sua admiração porque “... fez na música o que a arquitetura imaginou com o cimento armado. Tudo nele e maciço, é calculado e é artístico: alia o sentimento a ciência da arte...”¹⁵⁸.

Forjados na informalidade do cotidiano, os versos de Trajano Margarida, e certamente de muitos outros autores que permaneceram anônimos, representavam para alguns críticos da literatura da cidade os correspondentes de uma *arte menor*. Mesmo os elogios ao poeta insistem nos juízos de valor, ao afirmar que “Imaginoso e inspirado, não escreveu para gente selecionada. Versejou para o povo. Escasseou-lhe, é bem verdade, visão clara e perfeita do que é a poesia duradoura e eterna”¹⁵⁹. Nota-se que o povo, segundo estas linhas, pode ser reconhecido pelo sinônimo de leitores desqualificados. Há ainda, nos adjetivos utilizados, outros contrapontos feitos pelo escritor para traçar as características do poeta e do seu público, afinal Trajano Margarida é imaginação e inspiração enquanto lhe falta a clareza e perfeição. A oposição entre sensibilidade e razão revela algumas das opiniões que circulavam sobre os diferentes perfis e sensibilidades dos consumidores da produção artística em Florianópolis. Num dos extremos estava um público que já não parecia se contentar apenas com o conteúdo da arte em si mas aproveitava-se de certos eventos para reafirmar uma distinção que não se limitava a mera apreciação do espetáculo, mas a própria hierarquia existente nos papéis sociais:

“Chopin, o genial Chopin, encheu de ‘charme’ e encantamento, toda a noite de ontem. As cenas mais impressionantes do século passado, onde o espírito e o fausto se confundiam, desdobravam-se harmoniosamente como as rimas de Musset. A nossa população tradicionalmente conhecida pela sua cultura, confirmou plenamente o seu gosto pela Arte.

A multidão que encheu a rua Arcipreste Paiva, exibindo toilettes riquíssimas, requintadamente ‘chic’ oferecia um espetáculo edificante.

*Toda a ‘jeunesse dorée’, e o que de mais fino e representativo há no nosso mundo social, não se furtou ao prazer, todo espiritual, da grande noite de arte”*¹⁶⁰.

Frente a esta notável necessidade de ostentar um padrão de vida destacadamente elitizado, é mesmo compreensível que a maioria dos interlocutores da literatura de Trajano Margarida - as camadas populares - mantivesse uma maior identificação com os temas e personagens inspirados no seu próprio dia-a-dia, o pobre, o órfão, o velho, o marginalizado...

¹⁵⁸Pianista Carmen Ivancko. Jornal A GAZETA, 27/04/1938.

¹⁵⁹Revista Anuário Catarinense, 1950, p. 124,125.

¹⁶⁰Noite de arte. Jornal A GAZETA, 02/09/1935.

Dos registros que então, incansavelmente, lembraram que Trajano “... não foi um grande poeta. Mas foi um poeta grandemente popular”¹⁶¹, pode-se interpretar que o ato de apreciar poesia não estava tão distante dos extratos populares, e pela mesma via, suas experiências culturais não eram tão ausentes dos textos literários.

Por isso, Roger Chartier pertinentemente observa que não se deve considerar, num estudo histórico, apenas a obra em si, mas as diferentes relações que as camadas sociais com ela estabelecem, seja esta nos artefatos mentais, ou até mesmo na gestualidade que cerca a sua leitura¹⁶². É por este caminho que se pode compreender a afinidade entre o poeta e seu público, percurso ilustrado por um poema que Trajano Margarida publicou em 1935, e que tem como cenário uma procissão religiosa bastante tradicional na cidade:

*“Mamãe quando não ia á Santa Procissão,
O que ela acreditava um crime, uma heresia,
Mandava a ‘Sinhá’ Rosa, a avó do Julião,
Que me levasse à festa em sua companhia.*

*E, eu, ante o rumor do povo, que seguia
O enterro do Senhor, deitado em seu caixão.
Com medo de perdê-la agarrado eu ia
No seu vestido preto e velho de fustão.*

*De alguma coisa ainda hoje, e cheio de saudade,
Eu me recordo bem: - Na frente o ‘seu’ Tomaz,
Um velho que era tudo o exemplo de bondade.*

*Tocava uma matraca. E o seu Bartolomeu,
Por causa da promessa e de outras coisas mais,
Ia junto ao caixão vestido de judeu...”¹⁶³.*

Ao contrário da postura distanciada com que o jornalista do caso Gilberto Freyre se referia a este tipo de cerimônia religiosa, nota-se que Trajano Margarida não demonstra nenhum constrangimento ao nela se inserir como personagem. No soneto, entre uma mulher pobre no “... seu vestido preto e velho de fustão” e outros atores aos quais a descrição o poeta revestiu de solenidade, não há a atitude analítica que julga, compara e prescreve.

Por esta intimidade com as emoções populares que ele ficou conhecido dos seus contemporâneos. “Trajano Margarida a quem a cidade inteira conhece e estima, acaba de publicar ‘Pax’, anunciado a pouco tempo. Trajano, poeta de espontaneidade admirável, dedicou-o a mulher catarinense...”¹⁶⁴. Esta era, portanto, a relação dúbia que o epíteto *poeta do povo* carregava; uma obra repleta de significados que ao mesmo tempo eram aceitos e

¹⁶¹Revista Anuário Catarinense, 1950, p. 124, 125.

¹⁶²CHARTIER Roger. O mundo como representação. Estudos avançados. São Paulo: IEA-USP, jan/abr, v. 5, n. 11, 1991.

¹⁶³Procissão do Senhor Morto. Jornal Diário da Tarde, 09/04/1936.

¹⁶⁴Pax! Jornal DIÁRIO DA TARDE, 18/12/1936.

compartilhados por um grupo social e rejeitados por outro.

Na opinião de alguns críticos, Trajano não tinha a formação letrada necessária para conceber uma arte candidata a eternizar-se. Ao contrário, por exemplo de poetas como Olavo Bilac, que possuía “para aquela geração, o miraculoso poder de um condão mágico”¹⁶⁵, Trajano alcançava, com a simplicidade de *poeta do povo*, ressonância entre o grupo que em geral era visto como distanciado do universo letrado, talvez “... porque a sua lira não é pretensiosa a gente se delicia com aquelas coisas simples”¹⁶⁶.

A rejeição à obra de Trajano Margarida dentro da parcela mais letrada da sociedade florianopolitana tinha contornos destacados desde os anos 20. Em um trecho do livro memorialista *O garoto e a cidade*, de Renato Barbosa, o autor descreve uma conversa entre ele e um amigo, ambos ainda jovens, no inverno ilhéu. O amigo lhe faz um pedido em confiança, quer entregar um poema a uma moça e pede que o autor o escreva por ele. Este responde dizendo-se incapaz de tais linhas, e escuta o amigo perguntar-lhe então se não conhecia ninguém capaz de fazê-lo:

“- E não conheces por aqui nenhum?
- Conheço, sim. O Trajano Margarida serve?
- Vá tomar no cú, seu puto (sic)”¹⁶⁷.

¹⁶⁵BARBOSA, Renato. *O garoto e a cidade*: Florianópolis dos anos 20. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 1979. p. 175.

¹⁶⁶Jornal FOLHA NOVA, 16/08/1930.

¹⁶⁷BARBOSA, op, cit, p. 173.

4.3 Carnaval e boemia

*“Ela há de perguntar se alegre ainda hoje eu canto
E faço como outrora aquelas serenatas,
Que ricas de virtudes e fortes de volato
A fiz ouvir no tempo em que era o meu encanto.*

*Dirá também, eu sei, que em convulsivo pranto,
Que em lágrimas de dor, do sofrimento notas
Jamais poderá ouvir cândidas sonatas
Que mais ela gostava e que as queria tanto.*

*E, tu, depois de ouvir-lhe a voz toda veludo,
A mesma que me fez, mocinho, bem criança,
Jogar-lhe aos pés a lira de Poeta... tudo.*

*Responde-lhe assim: Compreenda se o quiser:
- É o mesmo Trovador, e as vezes por vingança,
- Maldiz, e com desdém, um nome de Mulher”.*

(Trajano Margarida, 1935)

Passados alguns anos da morte de Trajano Margarida, foi publicado na Revista *Atualidades*, um texto no qual o autor destacava seu desempenho no papel de seresteiro. Este cantador noturno quase desapareceu nas últimas décadas ao sabor das transformações nos modos de lazer e divertimento. Sua maior popularidade ocorreu no tempo em que o rádio ainda não reinava absoluto nos domínios do privado:

“Além de poeta, Trajano era ‘seresteiro’. Muita gente, a – desoras, teve o sono despertado pelas serenata do autor do ‘Orfãozinho’. Foi pena a radiofonia brasileira ter surgido à quando da quase velhice de Trajano Margarida. Antecedesse de alguns anos o aparecimento de nossas emissoras, certo que muito outro teria sido o destino de nosso popular e festejado cantor”¹⁶⁸.

Elemento da cultura popular, associado à boemia¹⁶⁹, a vida do cancionista noturno é outro dos assuntos ainda um tanto esquivos na abordagem histórica sobre a cidade. Mas, nos anos 30, o seresteiro não era figura incomum nas noites de Florianópolis, além do poeta

¹⁶⁸Sobre a música *Orfãozinho*, de autoria de Trajano Margarida, que o jornalista evoca como velha conhecida, existe um libreto cujo título indica ter a narrativa semelhante chamado o *Natal do Orfãozinho* publicado em 1914, que tem e foco rotineiro nos seus versos: o abandono, a miséria e a desesperança. Revista *Anuário Catarinense*, 1950, p. 124, 125.

¹⁶⁹Para Maria Izilda S. Matos “... a experiência boemia deve ser focada de forma relacional complementar e interdependente à vivência do dia e à do trabalho, e não em confronto à elas. Também não se pode simplesmente identificá-la como forma de resistência, de submissão e/ou ilegítima, devendo-se destacar toda a heterogeneidade de manifestações e vivências que circulam no universo da boemia” MATOS, Maria Izilda S. Nas fronteiras da história: a cidade iluminada. In: *História: fronteiras* / Associação Nacional de História. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP: ANPUH, 1999. p. 961.

havia outros indivíduos que viviam a experiência da boemia acompanhados de um violão: “Quando eu cheguei aqui eu era seresteiro, tinha uma turminha na escola que gostava de tocar violão e a gente ia fazer serenata para as meninas do colégio”¹⁷⁰.

No caso de Trajano Margarida a vida boêmia e o carnaval eram matizes de uma mesma sociabilidade, e era para onde ele canalizava boa parte de sua produção artística. Neste sentido, Florianópolis aparentava algumas similaridades com o Rio de Janeiro, especialmente porque as expressões musicais dirigidas ao carnaval, como marchas e sambas, eram em largo vulto também provenientes dos grupos pobres da população. Não se pode, porém, atribuir a Trajano Margarida a visão estereotipada do malandro/boêmio, que não obstante ser um tipo especificamente urbano é nesta época uma personagem mais ligada ao Rio de Janeiro, especialmente a locais como o bairro da Lapa “... que começou a crescer por volta de 1910 e atingiu seu período de ouro mais ou menos entre o final dos anos 20 e o início dos anos 40”¹⁷¹.

Na imprensa local procurava-se equacionar o papel social do malandro com o modelo de cidadão útil à sociedade, segundo estabelecia a imagem moldada pelo Estado. Neste comentário que circulou no Jornal Dia e Noite em 1938, o binômio malandro/cidade tem o seu arquétipo suavizado pela labuta diária:

“... Um dos tipos mais interessantes e imprescindíveis na formação das cidades é o malandro. Não é bem o malandro no sentido comum da palavra. Não é como se pode imaginar um sujeito que nada faça, com medo do trabalho. Ao contrário, muitos dos chamados malandros até trabalham demais”¹⁷².

Mas, Trajano Margarida compartilhava experiências com os sambistas cariocas, como a precariedade das condições de vida e a quase imobilidade social, já que muitos deles viviam a margem do sistema e fazem resistência através da sua arte ao projeto social que buscava maquiagem com dizeres otimistas a pobreza, a carestia, o desemprego e os baixos salários:

*“A ventura mais falsa que sentimos,
Que mais ilude o homem nesta vida;
É aquela que sonhamos que a fruimos;
Que anda sempre de encantos revestida.*

*É aquela que ante as dores que curtimos,
Na fúria que a domina, enraivecida;
Rindo destrói o pouco que possuímos
Da esperança que em nós já foi nascida.*

*É aquela que só quer que o nosso mal.
Nossa angústia, martírio e nossa mágoa,
Morram quando é nascido o Carnaval.*

¹⁷⁰Entrevista concedida à autora por Doralécio Soares em Florianópolis, em 26/03/1997.

¹⁷¹DURST, Rogério. *Madame Satã*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

¹⁷²O malandro. Jornal DIA E NOITE, 01/09/1938.

*Que esquece ser as suas vis loucuras
Três dias tão somente: - Gotas d'água,
Num gigante oceano de amarguras*¹⁷³.

Este viver boêmio amalgamado ao samba e ao carnaval, que antes de tudo possibilitava “ter uma vida que escape a monotonia e ao previsível”¹⁷⁴, sofrera no panorama dos anos 30 intensas restrições visando, sobretudo eliminar qualquer teor contestatório que porventura pudesse apresentar. E por isto passaram a ser alvo da observação aguçada dos mecanismos disciplinares do Estado, destacadamente após 1937.

A este tempo, o carnaval já estava incorporado ao cotidiano de Florianópolis, tendo em vista que os assuntos carnavalescos tinham frequência e espaço garantido nos diários locais anualmente. As matérias por sua vez espelham um pouco do destaque que a festa tinha no dia a dia dos moradores: “Carnaval está próximo e com ele cresce a vida noturna em nossa capital. Já se nota o movimento febril dos habitantes da ilha. As sociedades festejam com bailes animadíssimos as preliminares para o tradicional Tríduo”¹⁷⁵. Trajano Margarida participava compondo músicas que faziam do poeta *persona* assídua nas notas jornalísticas que prenunciavam a festa na cidade: “... Este ano o que teremos? Segundo nos afirma Trajano Margarida, autor de quase todas as músicas que aqui são cantadas...”¹⁷⁶.

Juntamente a estas empolgadas expectativas notava-se naqueles anos um abatimento progressivo que vinha envolvendo o carnaval na cidade:

*“... Lendo esses telegramas, que soam como o epitáfio de momo, parece estarmos ao ver o retrato murcho e funéreo do Carnaval florianopolitano... Nas ruas, pelo menos, aqui, não se observou a velha e sã alegria de há dez e mais anos passados, quando, mesmo os que se não fantasiavam, sentiam na alma guizos de ouro a tilintar festivamente, numa alegria que desabrochava em risos e gracejos comunicativos, irradiando confiança...”*¹⁷⁷.

Foi através destes registros lúgubres, apregoando o aspecto decadente da festa, que os jornalistas se referiam aos festejos quando chegava a quarta feira de cinzas. Nesta mesma trilha de interpretações, nosso protagonista, ao comentar um banho de mar à fantasia que ocorrera na Ponta do Leal, frisava o clima de modorra do carnaval de 1939:

*“Não vi mesmo um mascarado,
Entre tantos (quem diria)
Que lembrasse o Carnaval,*

¹⁷³Canções carnavalescas por Trajano Margarida. Florianópolis: Typografia Schuldt, 1930.

¹⁷⁴MATOS, Maria Izilda S. Nas fronteiras da história: a cidade iluminada. In: História: fronteiras / Associação Nacional de História. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP: ANPUH, 1999.

¹⁷⁵Pródromo da folia. Jornal A GAZETA, 16/01/1936.

¹⁷⁶Jornal A PÁTRIA, 22/01/1932.

¹⁷⁷Carnaval?... Mortus est ! Jornal O ESTADO, 22/02/1939.

O 'Pai Nosso' da folia...¹⁷⁸.

Nos discursos que buscavam explicar as razões para o evidente declínio do carnaval, de uma cidade que já havia sido “Terra de carnavais artísticos” havia como indício unânime a certeza de que algo havia sido perdido. E este algo não era somente o estado de espírito e a predisposição para a festa, mas também o sentido estético de uma experiência antes mais coletiva onde havia como recurso lúdico a “abolição das relações hierárquicas”¹⁷⁹. A perspectiva do desalento é esboçada já em 1933, onde o jornalista vê no processo de modernização da cidade a força que arrastava para a extinção o carnaval de Florianópolis:

“Se estabelecêssemos um paralelo entre o carnaval de outros tempos e o carnaval atual, teríamos a triste e penosa conclusão de que Florianópolis, em matéria carnavalesca, hoje não. é mais nem menos do que um simples espectro daquilo que já foi. Noutra tempo, isto é, no tempo da iluminação de querosene, da Cadeia Velha e da Ponte do Vinagre, no tempo da grade do Jardim Oliveira Belo, do carrinho do tio Botelho, das latas de Corta Jaca, do grito do Zé dos papéis e das imundícies da Banca do peixe, Florianópolis tinha mais vida, prezava-se mais as suas tradições e, verdade seja dita, havia mais amor pela arte, que nos tempos atuais em que a luz elétrica transforma a noite em dia; as ruas são quase todas avenidas e a ponte Hercílio Luz, com os seus possantes e formidáveis torres, atesta bem alto não só a grandeza dos nossos homens passados como também a verdade do progresso que tanto nos distingue... E todo aquele belo e deslumbrante Carnaval, toda aquela grandeza era feito no tempo em que o progresso era frase de imprensa e o lampião de querosene bancava o farol da noite”¹⁸⁰.

Se na visão nostálgica o presente carecia do deslumbramento de outrora, certamente não era apenas a ausência dos referenciais que haviam sido banidos do cenário urbano ou a pujança daqueles dias que desencantara o carnaval da cidade. Um outro detalhe de importância capital para se compreender a situação, e que veio a se somar ao processo de decadência já em curso, está na progressão, ao longo da década, dos mecanismos de repressão e controle exercidos por parte do Estado, a exemplo do veto da censura à letra de alguns sambas de autores cariocas.

O arrefecimento dos festejos, particularmente após 1935, é facilmente decodificável nos jornais da cidade. Os sinais mais evidentes da intervenção estatal no carnaval de Florianópolis podem ser notados pela muitas restrições que recaíam ano a ano, como a proibição do uso da máscara, da venda de bebidas alcoólicas, de serem cantadas determinadas músicas, do uso do lança-perfume... enfim a festa ia assim sendo despojada da sensação de

¹⁷⁸Jornal Dia e Noite, 10/02/1939.

¹⁷⁹Mikhail Bakhtin apresenta esta idéia acerca do carnaval, quando trata das diferentes perspectivas que as festas possuíam na Idade Média, sendo que as festas oficiais existiam também para reafirmar a hierarquia dos papéis sociais. o momento de celebrar as diferenças. Já no Carnaval havia uma total abolição das distâncias entre as pessoas, era um espaço onde reinava a linguagem peculiar do povo. BAKHTIN, Mikhail. A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec, 1987. p. 9, 10.

¹⁸⁰Jornal A PÁTRIA, 22/01/1932.

liberdade, onde era possível por meio do deboche, da galhofa e até mesmo da embriaguez, fazer frente aos percalços do dia-a-dia.

Trajano Margarida vivenciava, no seu desapontamento com o carnaval, ou na sua melancolia de seresteiro, o cotidiano de uma cidade que se transformava. Ele e muitos outros indivíduos, eram peças desajustadas na engrenagem urbana que produzia ininterruptamente o fim de uma cidade e trazia o início de outra. A questão intrínseca nesta relação entre o homem, a cidade e a obra é que o homem sentia o ocaso do passado como demasiado precoce, forçadamente abafado em seus últimos suspiros. Momentos, para Trajano Margarida, irremediavelmente trágicos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: Um poeta para sempre

Trajano Margarida viveu e produziu uma obra artística. Não é possível, do viver e do criar, extrair simples e objetivas conclusões. O poeta não viveu nem produziu fábulas, para que houvesse uma moral da história, uma verdade final subjacente. O fato é que da relação entre o homem, sua obra e a cidade foi possível contar histórias, ou acrescentar diferentes perspectivas a outras já contadas, enxergando novos personagens, novos cenários e novos pontos de vista.

Nas histórias que aqui se contaram talvez um detalhe não tenha sido destacado o bastante: que a literatura, a atividade literária, especialmente a poesia, tinha naqueles anos um sentido social que em dias atuais já não existe. Eram, de fato, outros tempos e outras sensibilidades, desta forma se entende a presença assídua dos poetas nos jornais da cidade. Difícil é saber se era a poesia que criava o público ou este desejava a poesia, mas, ela lá estava irremediavelmente. Trajano Margarida era parte desta poesia, de uma maneira ou de outra impunha sua marginalidade estampando-a nas páginas dos diários.

Este movimento já se esboçara desde a organização dos primeiros periódicos de Desterro no século XIX, quando as publicações literárias ocupavam espaços visíveis nos jornais e revistas da cidade. Esta situação foi paulatinamente se transformando ao longo do século XX, uma vez que a literatura terá uma relação diferenciada junto aos novos meios de comunicação de massa como o rádio e a televisão. As explicações para este deslocamento convergem também para o impacto que a modernidade causou na vida cotidiana, instaurando a partir das novidades tecnológicas práticas culturais diferenciadas, fazendo com que os jornais reorganizassem sua linguagem buscando dar ênfase ao instantaneísmo, que passa a ser o mote principal da comunicação dos novos tempos.

O curioso é que o próprio Trajano, arauto mordaz das imperfeições do processo de modernização, é o autêntico herói urbano (anti-herói talvez), emblemático da modernidade. Vive as ruas, os jornais, os organismos do Estado. Violão em punho, escapou-lhe o rádio, mas não vivência boêmia do bar no cais do porto. Viveu o morro, o lado errado das cidades do século XX, e sempre, seja ou não por vontade própria, contemplou a modernidade de Florianópolis de dentro para fora, e não o contrário, estando talvez aí a chave para compreender sua perspicácia ferina e sutil.

FONTES

Entrevistas:

Sra. Alice Machado, Florianópolis, 09/01/1997.

Sr. Doralécio Soares, Florianópolis, 26/03/1997.

Sra. Hilda, Florianópolis, 09/12/1996.

Sr. Odinaldo, Florianópolis, 05/12/1996.

Sr. Paulo Augusto da Silva, 03/07/1997.

Periódicos:

Revistas:

Revista Anuário Catarinense, 1950.

Revista Ilustrada, junho de 1920, n. 13, ano 2.

Revista O Olho, 13 de abril de 1916.

Revista Brasileira de História. São Paulo: Humanitas, v. 19, n. 37, 1999.

Revista de Propaganda do Estado e do Município, setembro de 1939.

Fronteiras - Revista Catarinense de História. Florianópolis: Imprensa Universitária, n. 7., 1998.

Revista Atualidades, março de 1946.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, n. 3, 1981 e n. 13, 1994.

Revista Estudos Avançados: IEA - USP, jan/abr. v. 5. n. 11, 1991.

Revista Terra, Florianópolis, ano 1, n. 17, 24, 1920.

Revista do Centro Catarinense de Letras, n. 1, maio de 1925.

Jornais:

Jornal A GAZETA, 1935/36/38.

Jornal A PÁTRIA, 1932/35.

Jornal DIÁRIO DA TARDE, 1936/38.

Jornal A REPÚBLICA, 1931/34.

Jornal O ESTADO, 1935/38/39/40.

Jornal DIA E NOITE, 1939.

Jornal FOLHA NOVA, 1930.

Jornal O DIA, 1916.

Documentos:

Livros 8º, 10º e 16º de registros da secretaria da fazenda.

Registro Civil do Estreito, 2º sub-distrito do Município e Comarca de Florianópolis: certidão de óbito do livro número 12-c. Número 3529.

Livro de batizados número 34, assento 202 - Arquivo da Cúria Metropolitana de Florianópolis.

Relatórios:

Recenseamento geral do Brasil, 01/09/1940 - Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1952.

Guias:

Guia da Catedral Metropolitana.

Convites:

Convite da Academia Catarinense de Letras para sessão comemorativa ao centenário de nascimento de Othon D'Eça, Altino Flores e Barreiros Filho.

Cadernos:

Cadernos em homenagem ao poeta Cruz e Sousa, patrocinado pelas Centrais Elétricas do Sul do Brasil S.A., Florianópolis, 1987.

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Hermetes Reis de. A invenção do litoral: reformas urbanas e reajustamento social na Primeira República. São Paulo: PUC, 1989. Dissertação de Mestrado em História.

BAKTIN, Mikhail. A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec, 1987.

BARBOSA, Renato. O garoto e a cidade, Florianópolis dos anos 20. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 1979.

BENJAMIM, Walter. Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar (a aventura da modernidade). São Paulo: Cia. das letras, 1989.

BERTOLINO, Pedro. Viagens com Maura. Ensaio de esboço biográfico em Maura de Sena Pereira. Florianópolis: Edições Academia Catarinense de Letras, 1993.

BOSI, Ecléia. Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: EDUSP, 1987.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. Nossa Senhora do Desterro. Memória I. Florianópolis: Oficinas Gráficas da Imprensa Universitária, 1972.

CAMPOS, Cynthia Machado. Identidade e diversidade no sul do Brasil: as tentativas de homogeneização do espaço catarinense no Estado Novo. In: *Fronteiras - Revista Catarinense de História*. Florianópolis: Imprensa Universitária, 1998.

CANDIDO, Antonio. Literatura e Sociedade. São Paulo: Publifolha, 2000.

CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano (artes de fazer). Petrópolis: Vozes, 1994.

CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. (orgs.). A história contada. Capítulos da História social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. Estudos avançados. São Paulo: IEA-USP, jan/abr. v.5. n. 11, 1991.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Quotidiano e poder na cidade de São Paulo. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DURST, Rogério. Madame Satã. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DUTRA, Eliana Regina de Freitas. O fantasma do outro: espectros totalitários da cena política brasileira dos anos 30. São Paulo: Revista Brasileira de História, v.12. n. 23/24.

ECO, Humberto. Obra aberta. São Paulo: Perspectiva, 1998.

ELIAS, Norbert. Mozart, sociologia de um gênio. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

FUNDAÇÃO HASSIS. Hassis: vendedor de torrãozinho e jornais. Fundação Hassis, 1957.

HOBBSBORN, Eric. A era dos extremos (o breve século XX / 1914 - 1991). São Paulo: Cia. das letras, 1997.

HOLANDA, Sérgio Buarque. Raízes do Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

HUNT, Lynn (org). A nova história cultural. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

KRAMER, Lloyd. Literatura, crítica literária e imaginação histórica: o desafio literário de Hayden White e Dominick Lacapra. In: HUNT, Lynn. A nova história cultural. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 132.

LEHMKULH, Luciene. Imagens além do círculo: o grupo de Artistas plásticos de Florianópolis e a posituação de uma cultura nos anos 50. Dissertação de Mestrado em História. UFSC, 1996.

MARGARIDA, Trajano. O natal do orfãozinho. Florianópolis: Livraria Moderna, 1914.

_____ Canções carnavalescas. Florianópolis: Typografia Schuldt, 1930.

_____ Nelson. Florianópolis: Estabelecimento Gráfico Brasil, 1943.

MATOS, Maria Izilda S. Nas fronteiras da história: a cidade iluminada. In: História: fronteiras / Associação Nacional de História. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP: ANPUH, 1999.

MELO, Osvaldo Ferreira de. Introdução a História da Literatura Catarinense. Porto Alegre: Movimento, 1980.

MOURA, Esmeralda B. Bolsonaro de. Meninos e meninas de rua: impasse e dissonância na construção da identidade da criança e do adolescente na República Velha. In: Revista Brasileira de História. São Paulo: Humanitas, v. 19, n. 37, 1999.

PATRIOTA, Rosângela. O lugar da tragédia e da comédia na construção do erudito e do popular na tradição literária: Anais do XX Simpósio da Associação Nacional de História. São Paulo: Humanitas / FLCH/USP: ANPUH, 1999.

PEREIRA, Valdézia. A poesia modernista catarinense na década de 40 e 50. Florianópolis: Editora da UFSC, 1998.

PESAVENTO, Sandra J. Leituras Cruzadas: diálogos da história com a literatura. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 2000.

PÍTSICA, Pascoal Apóstolo. Numa Fonte Cristalina: passagens de patronos e acadêmicos da Academia Catarinense de Letras. Florianópolis: Papa Livro, 1993.

ROMERO, Sílvio. Estudo sobre a poesia popular do Brasil. Petrópolis: Vozes, 1997.

RAMOS, Sebastião. No tempo do Miramar. Florianópolis: Papa-Livro, 1993.

SACHET, Celestino. História da Literatura Catarinense. Editora Lunardelli, 1985.

SALIBA, Elias Thomé. A dimensão cômica da vida privada na República. In: História da vida privada no Brasil. v. 3. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

SCHPUN, Mônica Raísa. Ratos mansos, cidades sem raízes. In: Leituras Cruzadas: diálogos da história com a literatura. Porto Alegre: Editora Universidade / UFRGS, 2000.

SCHWARCZ, Roberto (org.). Os pobres na literatura brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SEVCENKO, Nicolau. A Capital irradiante: técnicas, ritmos e ritos do Rio. In: História da vida privada no Brasil. v. 3. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

_____. Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1989.

THIAGO, Arnaldo São. História da Literatura Catarinense. Florianópolis: Imprensa Oficial, 1957.

TOLSTOI, León. Guerra e paz. Porto Alegre: Editora Globo, 1957.

THOMPSON, E. P. O tempo, a disciplina do trabalho e o capitalismo industrial. In: SILVA, Tadeu T. Trabalho, educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

VEIGA, Elaine Veras da. Florianópolis: memória urbana. Florianópolis: Editora da UFSC Fundação Franklin Cascaes, 1993.

WRITE, Hayden. Teoria Literária e escrita da História. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, 1994.

WISSENBACH, Cristina Cortez. Da escravidão a liberdade: dimensões de uma privacidade possível. In: História da vida privada no Brasil. v. 3. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

ANEXO A – Ata da defesa de dissertação de mestrado

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Curso de Pós-Graduação em História

**Ata da Defesa de Dissertação de Mestrado de
Lucécia Pereira**

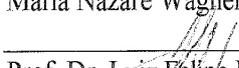
Aos vinte e oito dias do mês de fevereiro do ano dois mil e um, nesta cidade de Florianópolis, às 16:30 horas, na Sala 335 do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, desta Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora, composta pelos Professores Doutores Luiz Felipe Falcão (Orientador), Osmar de Souza, Cynthia Machado Campos e como suplente Maria Bernardete Ramos Flores, designada pela Portaria de nº011/PPGH/2001, datada do dia 20 de fevereiro de 2001, do Senhor Coordenador do Programa de Pós-Graduação em História, professor Artur Cesar Isaia, a fim de argüirem a Dissertação de Mestrado de **Lucécia Pereira**, subordinada ao título "**Florianópolis, Década de 30: ruas, rimas e desencantos na poesia dissonante de Trajano Margarida**". Aberta a sessão pela presidente, coube a Mestranda, na forma regimental, expor o tema de sua Dissertação, findo o que, dentro do tempo regulamentar, foi argüida pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, deu as explicações que se faziam necessárias. Logo após, foi sugerido pela Banca quais os pontos da dissertação a serem reformulados, o que deverá ser feito e entregue em sua forma definitiva no prazo de quarenta e cinco dias, a contar da presente data, de acordo com o parágrafo 1º do artigo 46º do Regimento deste Programa. A seguir a Banca Examinadora reuniu-se reservadamente para proceder a Avaliação Final, conforme critérios estabelecidos pelo Regimento do Programa, sendo a candidata considerada *Aprovada com Louvor*, para receber o título de *Mestre em História*, Área de Concentração: *História Cultural*. Nada mais havendo a tratar, foi lavrada a presente Ata, que lida e achada conforme, vai assinada, por mim, Maria Nazaré Wagner, secretária, pelos membros da Banca Examinadora e pela candidata. Florianópolis, 28 de fevereiro de 2001.

Secretária:

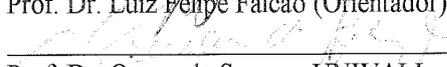


Maria Nazaré Wagner

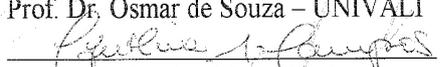
Banca Examinadora:



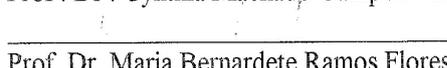
Prof. Dr. Luiz Felipe Falcão (Orientador) - UDESC



Prof. Dr. Osmar de Souza – UNIVALI

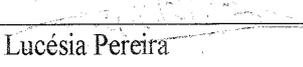


Prof. Dr.ª Cynthia Machado Campos - UFSC



Prof. Dr. Maria Bernardete Ramos Flores - Suplente - UFSC

Candidata:



Lucécia Pereira